Núm. 17

24-4-1952

A Cena Muda

CR$ 3,00
EM TODO
O BRASIL



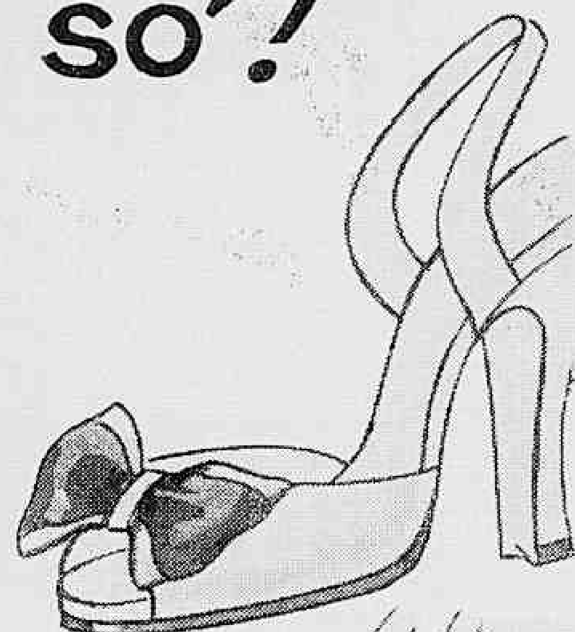
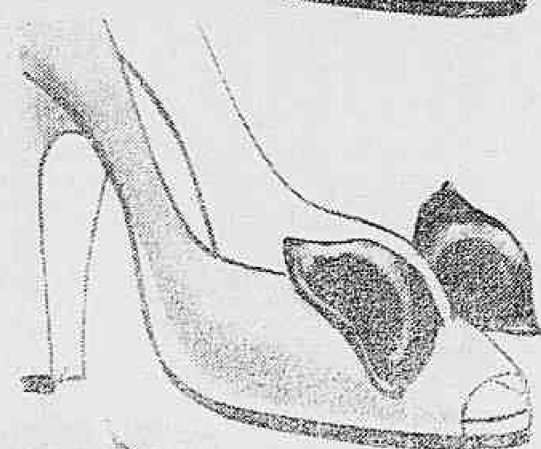


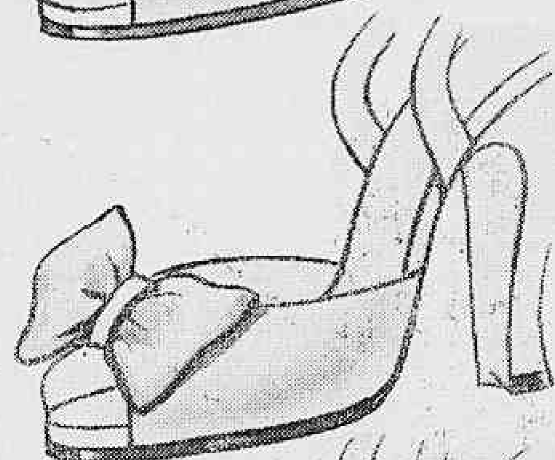
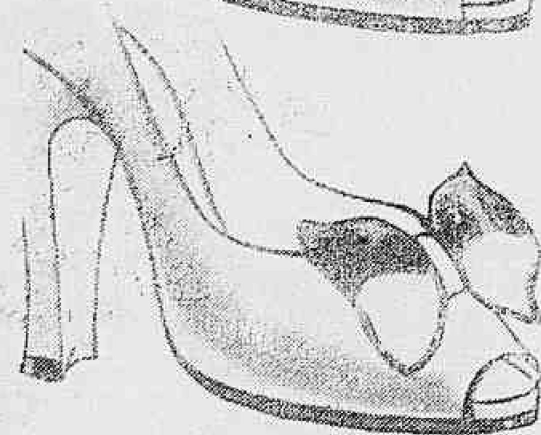
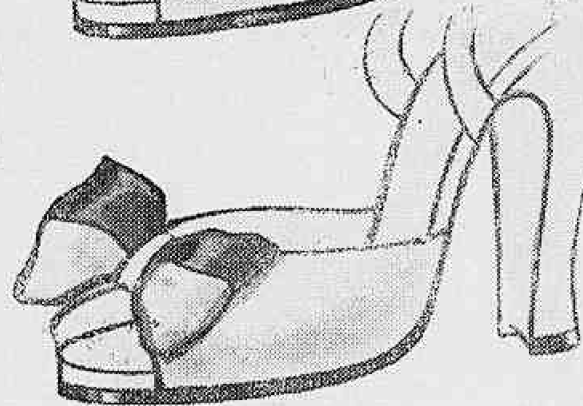
AT. SEMOG

Que maravilha!
UM SAPATO PARA
DIVERSAS TOILETTES

Diversos
PARES EM
UM SÓ!




113




114




Criação da
SAPATARIA
MAIS QUERIDA
da cidade

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso.

Preço único 250 cruzeiros. Saltos 5 ½ e 8 centimetros. Côres — prêto — branco — azul.

Cada sapato é acompanhado de 3 laços de côres diferentes adaptáveis às toilettes mais exigentes. Uma maravilha!

insinuante

UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO
COM ÁGUA GELADINHA
SEMPRE ÀS SUAS ORDENS

CARIOCA, 46-48 - SETE DE SETEMBRO, 199-201



Tom Willis veio especialmente da Inglaterra para fotografar o filme...



O operador trabalha em qualquer posição...



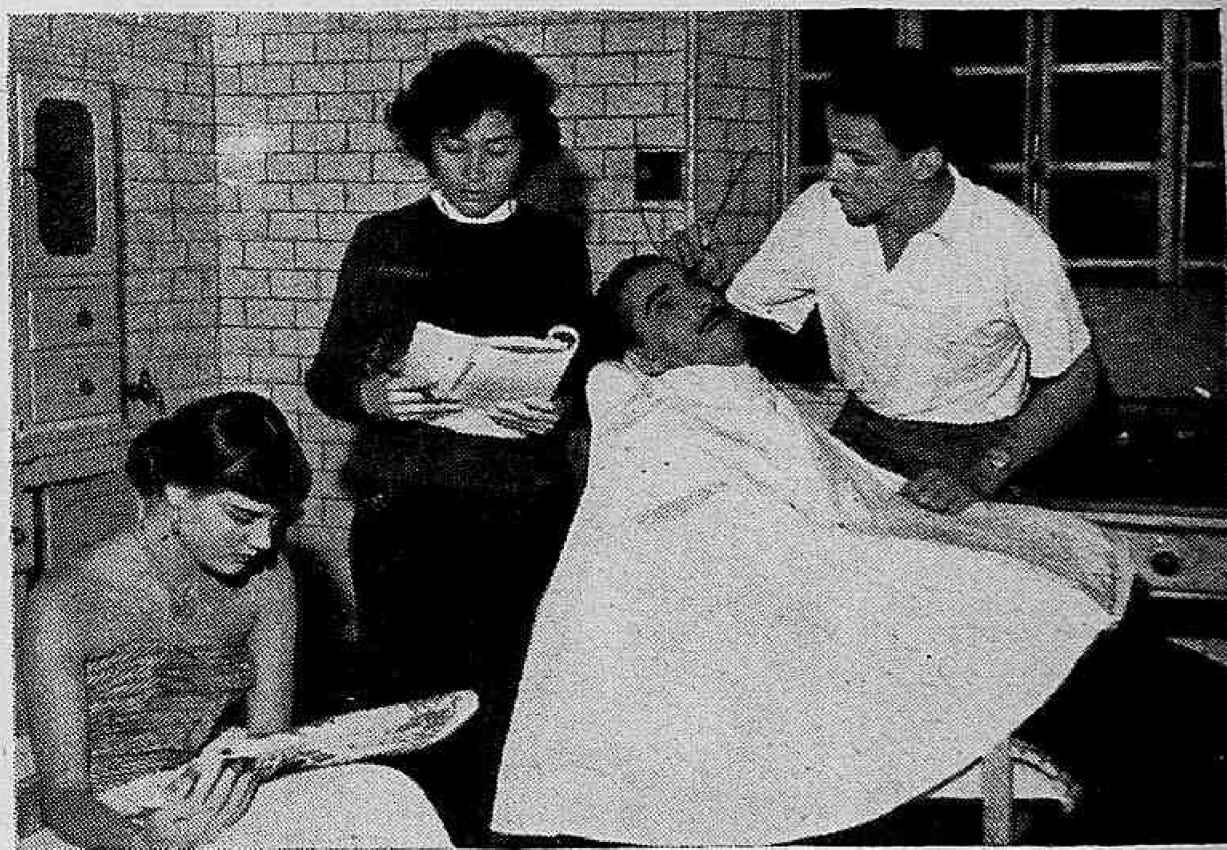
Abílio Pereira de Almeida é o diretor e o futuro diretor Carlos Thiré é um figurante...



Carlos Thiré, com quem é casada Tônia Carrero, e uma bonita figurante



O diretor dá instruções a Mazaroppi



A maquilage de Mazaroppi, vendo-se a assistente Maria Aparecida

as primeiras filmagens de "nadando em dinheiro"...

Ainda não saiu o "Sai da frente" e já se atacou nos estúdios da Vera Cruz a outro filme que é uma continuação do anterior — também estrelada pelo cômico Mazaroppi. Abilio Pereira de Almeida dirigiu ambas as produções, a primeira das quais com Tom Payne.

Trata-se da história de um chofer de caminhão que um dia recebe uma herança e acaba milionário de um dia para outro. Troca o banco duro de 5 toneladas pelo molejo de um "rabo-de-peixe".

"Nadando em dinheiro" está ainda sendo rodada — e êstes aspectos foram tirados pelo nosso fotógrafo.

Abílio é da teoria que o Cinema Brasileiro precisa primeiro aprender a contar bem uma história para depois aventurar-se por outros caminhos mais difíceis. Quando soubermos narrar melhor e contarmos com melhores artistas então entraremos em películas mais delicadas. A Vera Cruz, ainda em organização, se está armando para produzir muito no futuro e considera suas produções atuais apenas como adestramento e preparação.

Levantam-se novos palcos nos estúdios, adquirem-se novas máquinas e enquanto se aguarda a fase da organização vai-se fazendo filmes do melhor padrão possivel.

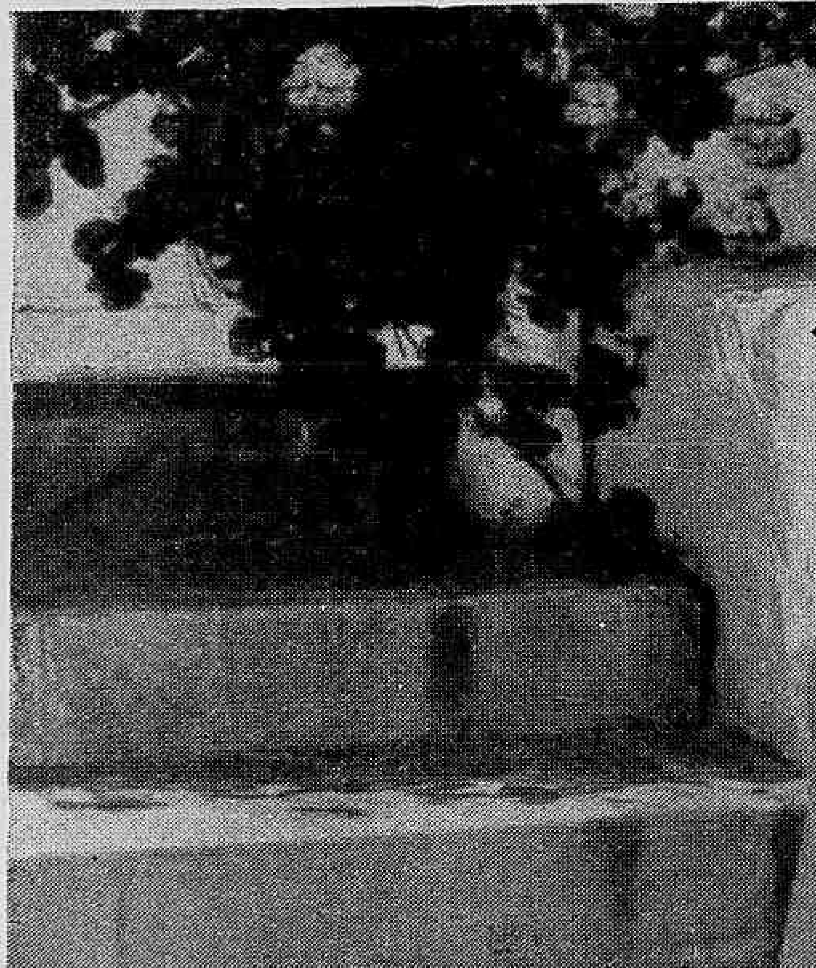
janis carter...







A R.K.O. tem grandes planos para a sua loura







Já a vimos em «Horizonte de Glória». Agora ela está em «The Half-Breed»





«A Cena» fotografa Leonora Amar na sua chegada a São Paulo, onde foi logo assediada pelos jornalistas...



Quando Franco Zampari, diretor da Vera Cruz e grande impulsionador do Cinema Brasileiro, veio buscá-la para um almôço no estúdio

leonora amar num filme brasileiro...

LEONORA Amar está no Brasil, onde vem filmar na Vera Cruz. O título tem um sabor de nome de fita mexicana e daí talvez a lembrança da brasileira do México.

Ela apareceu em "O Mago", ao lado de Cantinflas e sua presença foi imediatamente notada, apesar do cartaz do Moreno.

Leonora veio depois em "Curvas Perigosas", um filme com muitas derrapagens nas curvas, mão bôba em lugar de mão única, trânsito sempre livre porque não havia sinal vermelho. — Ver... de perto Leonora, Amar... ela e ficar biruta é coisa de segundos e daí o nome de seu outro filme "Cuide de seu marido".

Depois Leonora veio ao Brasil pelo Carnaval. Foi eleita, aclamada, e coroada "Rainha do carnaval de 51".

Demorou-se pouco nessa ocasião. Agora vem para mais tempo. Dez semanas de filmagem. Filmará com Anselmo Duarte e seus fãs terão oportunidade de ver o galã brasileiro com uma patrícia que foi vencer lá no México, mas está agora mais brasileira que nunca...

ZIEBINSKI TAMBÉM ESTÁ NO ELENCO

Leonora, entretanto, começou a sua carreira cinematográfica num "short" da Cinédia...

O título do filme que vai estrelar na Vera Cruz é "Veneno" e será dirigido por Gianni Pons, que estreará no Brasil como diretor depois de ter feito filmes na França e na Itália...

Diz Leonora que aceitou o convite para filmar depois que viu particularmente "Caiçara" lá no México, onde vai ser exibido para o público dublado em castelhano. Disse que o México produz 50 filmes por ano. Que o seu sonho foi sempre filmar no Brasil. (De fato chegou-se a anunciar um filme seu aqui, só para impressionar).

Mas que o Brasil era muito atrasado em Cinema... sendo que agora está em dia com a técnica. Que devemos importar técnicos para fazer técnicos brasileiros... se bem que não os conheça. Que para um bom filme, antes de tudo, é preciso uma boa história... mas que precisa muita "gaita"... Assediada por repórteres, Leonora conta mais: "Não sou convencida, já fiz oito filmes mas acho que ainda não dei uma grande contribuição ao Cinema como artista. (Lá isso é verdade). Estudo e trabalho. Quero progredir ainda. Espero fazer no Brasil o melhor filme de minha carreira. Qual o tipo que eu gostaria de fazer no Cinema? Gostaria de fazer uma comédia ligeira, das do tipo interpretada por Danielle Darrieux. E, para terminar a conversa, estou com uma vontade imensa de trabalhar. Para quem fêz filmes no estrangeiro ter oportunidade de voltar a sua terra até parece um sonho dourado...

★

Ludi Veloso, uma das intérpretes de "Nadando em Dinheiro", foi entrevistada por Marino Neto no microfone da Rádio S. Paulo e disse que "Sai da Frente", o primeiro filme de Mazaroppi, está muito engraçado. Estava cheia do dinheiro que a Vera Cruz anda distribuindo com propaganda do segundo. Vai voltar ao teatro também numa história sôbre um caminhão, logo que Graça Melo termine sua temporada no pequeno auditório do Cultura, e numa peça ao lado de Armando Couto.





Leonora surprêsa com a fisionomia vertical da cidade e posando para a reportagem da T.V. paulista

a vida começa a meia noite...



Dorothy Sinclair, «girl» dos nossos teatros e boites. Atualmente no primeiro time do Monte Carlo



Dulce Celeste, cantora do «Ranchinho do Alvarenga»

Fernando Lobo, sem Ary Barroso, vai escrever o próximo show do "Night And Day" com letras e músicas de sua autoria.

★

Ainda não se sabe se a nova boitedo Hotel Glória terá mesmo o nome de Beguin. E fala-se no Chocolate para estrelar o seu primeiro show...

★

No Perroquet, Dina Greyta e Jean Deny, expoentes artísticos da canção francêsa, Djalma Ferreira e seus "Milionários do Ritmo" e ainda Britinho e seu piano. Como "crooner", Helena de Lima.

★

Annabel que estava no "Vogue", agora na boite Esplanada.

★

De Buenos Aires, a cantora Nelly Moran no Arpége de São Paulo.

★

Procópio fazendo uma temporada no Oasis de São Paulo.

★

Grande estréia da boite de Elvira Pagã, a "Bikini".



Fernando Barreto, outro elemento da boite do Alvarenga, é um belo cantor, conhecido pela sua temporada no programa de operetas da Mayrink Veiga. E' diretor artístico da boite, posição que durante alguns anos também ocupou no «Casablanca».



Três interessantes «taxi-dancers» do Avenida, o dancing do Aguinaldo.







sarita antunez

Ao alto, Sarita, com Rui Aranha, da Rádio Tupi, de São Paulo, Cicillo da Boite Lord e Angel Schujer, empresário argentino.



Sarita veio da sociedade de Assunção, onde nasceu. Estudou canto e pintura. Seu pai, alto político do Paraguai, foi forçado a um exílio na Argentina, onde Sarita, brotinho, estreou no Teatro Infantil. Continuou os seus estudos de canto com Enrique Susini. Passou a cantar na Rádio Belgrano, El Mundo e Splendid. Fêz uma temporada no Teatro Cassino. Foi chamada ao Rio para uma temporada no Acapulco, onde figurou em dois Cafés1Concertos, simultâneamente com a companhia Dercy Gonçalves no Teatrinho Jardel. Excursionou ainda com Dercy, no Sul Depois E. Paulo, Boite Lord, Rádio, Televisão e Oásis. Está atualmente na Rádio Tamandaré, de Recife. As suas canções paraguaias são lindas e ninguém as canta como Sarita, que está ficando brasileira.

VAN JOHNSON vestiu batina...

Para filmar «When in Rome», um filme que se chamará, no Brasil, «Uma Aventura em Roma», a Metro-Goldwyn-Mayer mandou um «unit» de produção a Róma, sob as ordens de Clarence Brown, diretor e produtor do filme. Van Johnson, dono do primeiro papel, interpreta um sacerdote católico que vai a Roma, por ocasião do Ano Santo, e se vê às voltas com acontecimentos inteiramente imprevistos. Paul Douglas é outro elemento de destaque do elenco e aqui o vemos também de batina e num intervalo com sua espôsa, a atriz Jan Sterling.







O guarda de Roma pede um autógrafo...







Lídia Vani, atualmente uma das principais figuras do elenco de Graça Melo em «O... Magnífico», «Le Cocu Magnifique», de Fernand Crommelynck, em cena no pequeno auditório do Teatro Cultura de São Paulo

moralização

A SBAT está de apito na bôca. Resta saber se a entidade que fiscaliza o direito autoral no Brasil está mesmo disposta e tem elementos para levar avante sua campanha de moralização. Que está disposta — não resta a menor dúvida, daí as medidas postas em prática com a criação da comissão permanente de fiscalização do teatro de revista e a aprovação do regulamento em novembro de 1951 e em vigor a partir dêste mês. Trata-se de evitar a confusão verificada no passado em tôrno das parcerias, colaborações, quadros avulsos, etc. e quase sempre prejudicial aos autores, esbulhados geralmente pelos empresários. Resumindo: a revista escrita de parceria é obra de conjunto, e assim sendo, todos os quadros que a compõem pertencem, indistintamente, aos autores que a escreveram. E mais: aos quadros isolados, de autores outros, será atribuido o direito autoral mínimo proporcional ao número de quadros da peça. E sempre — sempre, frize-se — os nomes ou pseudônimos de todos os autores deverão constar da publicidade da revista, inclusive os quadros isolados de colaboradores. Bonita iniciativa, não resta a menor dúvida. Mas — repetimos — a SBAT terá elementos para levar avante essa campanha moralizadora? Acreditamos nestes bons propósitos aqui no Rio, quando muito em S. Paulo, pois os pròprios autores, geralmente radicados nos grandes centros, encarregar-se-ão, êles pròprios, de descobrir possíveis tramóias de empresários menos escrupulosos. Mas que a fiscalização da SBAT vai ser precária no interior do país para as companhias em excursão — disso temos certeza. Conhecemos um empresário que, antes da excursão, arrecada farto material com diversos autores, e uma vez lá fóra, batiza suas revistas com novos nomes, prepara uma colcha de retalhos de vários quadros e apresenta, como novidade, muitas vêzes assinada por autores fictícios, uma grande produção de idéias alheias. E os verdadeiros autores? Ficam a ver navios... Palmas à iniciativa da SBAT, mas que tal atitude se positive realmente em resultados práticos.

CÉSAR LADEIRA

No Jardel novo elenco em "Você é que é feliz, Primo" de Max Nunes e J. Maia. Yolanda Ferrer com o seu Ballet Cyon, Joana Darc e Vilma Rizzo a imitadora de Dercy... estão neste elenco. Silveira Sampaio também pretende ir a Portugal. Em S. Paulo reformaram o "Colombo" que passou a chamar-se "Teatro Italia Fausta". "Trem de Luxo" inaugurando o Teatro de Madureira. E Virginia Lane é a "estrêla" de "Ponto e Banca" no Carlos Gomes. Armando Iglesias está se acabando na grande montagem de "Tira a mão Daí" no Follies. Raul Dubois acabou com o Ballet Pigalle. Vae ser assistente de diretor, nos estúdios da Vera Cruz. Siwa Tzen, do mesmo ex-ballet Pigalle, revela-se como vedette no "Ranchinho do Alvarenga. Procópio em S. Paulo com "Deus lhe Pague" a preços reduzidos. Hamilton Ferreira ex-bailarino do Teatro Municipal de S. Paulo e brilhante figura do Radio-teatro da Tupi, no elenco do Follies com Mary Lopes e Juan Daniel. Carmen Machado foi a Recife atuar na "Rádio Jornal do Comércio". Também estará no elenco de luz del Fuego no Republica, sem Milton Rodrigues. Pedro Bloch prometeu uma peça para Alda Garrido. E está escrevendo para o Rodolfo Mayer, "O inferno com ar refrigerado". "E muito greande Pai" é o título da revista da Alvorada. Catalano é o cômico. Virginia Lane, recebe a gaita, diàriamente antes de começar o espetáculo. Inscrições na Escola de Teatro da Prefeitura. Oito reprovados e Renato Viana promoverá, entre os alunos, uma mesa redonda sôbre Ibsen. Antônio Mestre, enviou-nos, de Lisboa, amável cartão. Já matou a saudades e vae trabalhar... Com uma grande surprêsa para os nossos leitores. Jane Grey, Aurea Panva e o Príncipe Maluco também no elenco do Follies. Bibi Ferreira não deixou televizar "o Noviço". Oh! Bem, mas na última semana da peça, vai deixar, Ah!...

Diálogo entre duas atrizes nos ensáios de "Há sinceridade Nisso?" — Quero ir para o camarim nº 3, porque é o único que tem pia. "Sinfonia da favela" no "Teatro Brasileiro de Arte". Heloisa Helena e Paulo de Magalhães, já estão na Europa, como fomos os primeiros a divulgar. "Os Quixotes" estreiarão uma peça de Rosário Fusco. "Madame Bovary" irá a cena, depois de "O noviço". Sandro Poloni vai apresentar "O Poço" de Helena da Silveira. Procópio disse numa entrevista: O serviço Nacional de Teatro resolveu iniciar um curso de História do Teatro Brasileiro para que desavisados venham a saber de onde vieram, onde estão e para onde devem ir. Ante a imensa multidão que se dedica ao Teatro Brasileiro, quer como amadores, quer como profissionais, quase todos sabem quem foi Ben Johnson, mas todos ignoram, quem foi Agrario de Menezes. Citam Talma e se esquecem de Vasques.

ATÉ AQUI NO RIO?

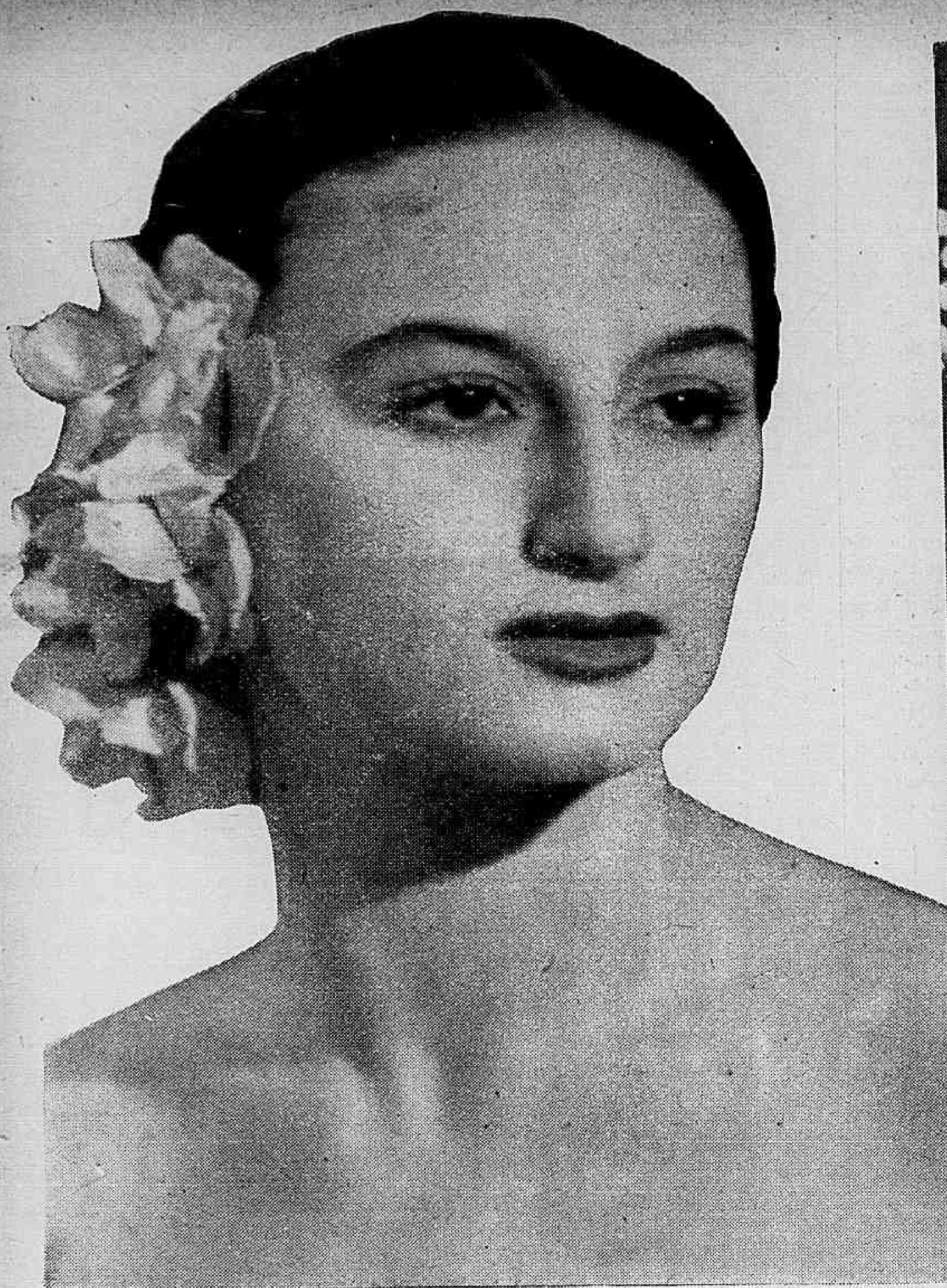
O Regulamento para as peças do gênero "Revista" da SBAT começou a ser desrespeitado aqui mesmo no Rio. A revista "Ponto e banca", do Carlos Gomes, é anunciada pela publicidade da emprêsa como sendo de autoria de José Wanderley e Matheus da Fontoura. Não ha nenhuma referência sôbre colaboração de outros autores. No entanto, Ney Machado, pelas colunas de "A Noite", cançou-se de noticiar que na peça havia dois quadros seus. Alguma coisa está errada — como se costuma dizer na televisão...



Como o desenhista Honorato viu uma cena da peça italiana «Ispezione», de Ugo Berti, com Wanda Capodaglio e Elena Zareschi, que estêve aqui com Victorio Gassmann em «Oreste», de Alfieri, e «Lulu», de Bertolazzi, no Municipal. Elena, que é uma grande artista, também apareceu no filme «Adio Venezia»

cartazes teatrais...

Febre de saias — Colé
Não mate seu marido — Celeste Aida
A amiga da onça — Nélia Paula
O noviço — Alexandre Amorim
Você é que é feliz, primo — Walter Pinto
O culpado foi você — Virginia Lane
O marido de Nina — Hélio Ribeiro
Ponto e banca — Jaime Costa
Treco nos cabos — Roulien
Beija-me e verás — Iris Delmar
Bôca de sirí — Oscarito
Amanhã será diferente — Mary Lincoln
A morte do caixeiro viajante — David Conde
Deus lhe pague — Miguel .Khair
O despertar da montanha — Violeta Ferraz
Eu quero sassaricá — Mára Rúbia
Branco, tu é meu — Déo Maia
Massacre — Ballet Charles
Pente de careca é a mão — Delff
Confusão no reboque — Valéria Amar
Professor de astúcias — Procópio
As árvores morrem de pé — Pedro Dias e Manoel Vieira
Bikini de filó — Elvira Pagã
Manequim — Jardel Filho
Cocktail de boas — Yolanda Ferrer, Irene Hozko e Regine Nacer
Ó de penacho — Aldo Calvet
Tô aí nessa caixinha? — Serviço Nacional de Teatro
Boa até a última gôta — Carmen Machado
Trem de luxo — Heloisa Helena e Paulo de Magalhães
Fruta de Eva — Carlos Gil
As pernas da herdeira — Spina
Madame sans Gêne — Dercy Gonçalves
O avarento — Freire Júnior
Esta mulher é minha — Halfeld
E' muito grande, pai — Pedro Bloch
Eva me leva — Luiz Iglezias
Há sinceridade nisso? — Êstes cartazes teatrais...



Berta Rozanova



Beatriz Consuelo

A princesa Aurora

ASSISTINDO ao primeiro espetáculo do ano 1 da autonomia do Municipal — que deve também iniciar uma nova fase para o nosso ballet — tive o mesmo pensamento que dias antes, vendo um ensaio de Tatiana Leskova. Nos seus dois anos como "maitre de ballet", esta artista já montou para o repertório bailados tradicionais como "Giselle", "Copélia", "Aurora", "Príncipe Igor", um novo "Lago" — o que significa: dar aos nossos bailarinos o estímulo e a responsabilidade de começar a carreira dançando papéis onde os outros terminam. Mas será isto compreendido e reconhecido pelos artistas ou mesmo os dirigentes do nosso "corpo de baile?" A falta de atenção e de interêsse por parte de muitos dançarinos, durante o ensáio, vale por uma resposta bem clara.

O que prejudica o desenvolvimento do ballet e que o faz retroceder, mais do que qualquer outra coisa, é essa falta de compreensão e sobretudo de disciplina artística. O conhecimento completo do ballet e não sòmente de passos, o respeito à sua história, sua tradição e seus ideais, — fariam o mais rebelde dos artistas olhar e ensaiar "Aurora" com mais interêsse e disciplina. Dirão os leigos: é um bailado antigo, já foi dançado muitas vêzes, é uma peça de museu... Está muito bem. Em primeiro lugar, o teatro do ballet não é um teatro de variedades, precisando ter cada espetáculo composto de novidades. Os bailados novos são necessários, sem dúvida, mas sempre escorados pelos clássicos de ontem ou de hoje. Caso contrário, nunca será um ballet à altura dos modelos que todos olham como guia — Diaghileff, em seguida o Ballet Russo e agora o Sadler Wells.

"As Bodas de Aurora" é um "test" de virtuosismo clássico que deve estar sempre vivo num repertório como medida das possibilidades, como estímulo e inspiração para os artistas do ballet. Para as nossas bailarinas, ainda tão inexperientes, seria interessante saber que nos áureos dias da companhia De Basil, quando Toumanova dançava Aurora, encontravamos Danilova dançando a "variação dos dedos" ou no "pas de sept" com outras artistas como Grigórieva, Branitzka, etc. "Aurora" exige pelo menos 6 dançarinas de recursos para a completa exibição da exigente coreografia de Petipa — são papéis clássicos e papéis clássicos devem ser irrepreensiveis na sua execução como são na composição: linhas bem formadas, brilhante técnico de pés, posições corretas de corpo e braços, correspondência e precisão de movimento ao desenho coreográfico.

"Aurora" consiste na realidade do último ato de "A Bela Adormecida", êsse grande ballet que Tchaikowsky compôs especialmente para a coreográfia de Pepita — quando a "danse d'école" atinge o máximo e o ballet imperial o seu explendor. Diaghileff apresentou-o em Londres em 1921 e mais tarde reduziu-o a esta pequena versão, com outros "divertissements", sob o nome de "Le Marriage d'Aurore". O Ballet Russo De Basil remontou a versão tal qual a de Diaghileff, logo no seu início. O Ballet Theatre, por sua vez, apresentou na América outra versão denominada "Princesa Aurora", revivida por Dolin e depois Balanchine, com algumas modificações. A Ópera de Paris tem a versão recònstituida por Serge Lifar, "Divertissement" e sob êste mesmo título o Ballet do Marquês de Cuevas apresenta a sua, montada por John Taras. Na Inglaterra, não há "Auroras" pelo fato muito simples de que ainda se dança "A Bela Adormecida" por inteiro — tanto no Sadler Wells quanto no International Ballet. E nesse país onde o bailado floresce, admiràvelmente, é o ballet mais querido, com uma popularidade só comparável a que gosa na Rússia, desde 1890. Como se vê, um modêlo de coreografia e dança clássica, que nenhuma organização dispensa de uma forma ou de outra.

A versão montada por Tatiana Leskova no Municipal, (superior à que apresentou no seu Ballet Society) tem muito da que vimos com De Basil e um pouquinho do Ballet Theatre, com a presença do rei e da rainha em cena, a verdadeira variação de Aurora ao invés do solo de "Quebra Nozes", como é costume. Faltam o Chapèusinho

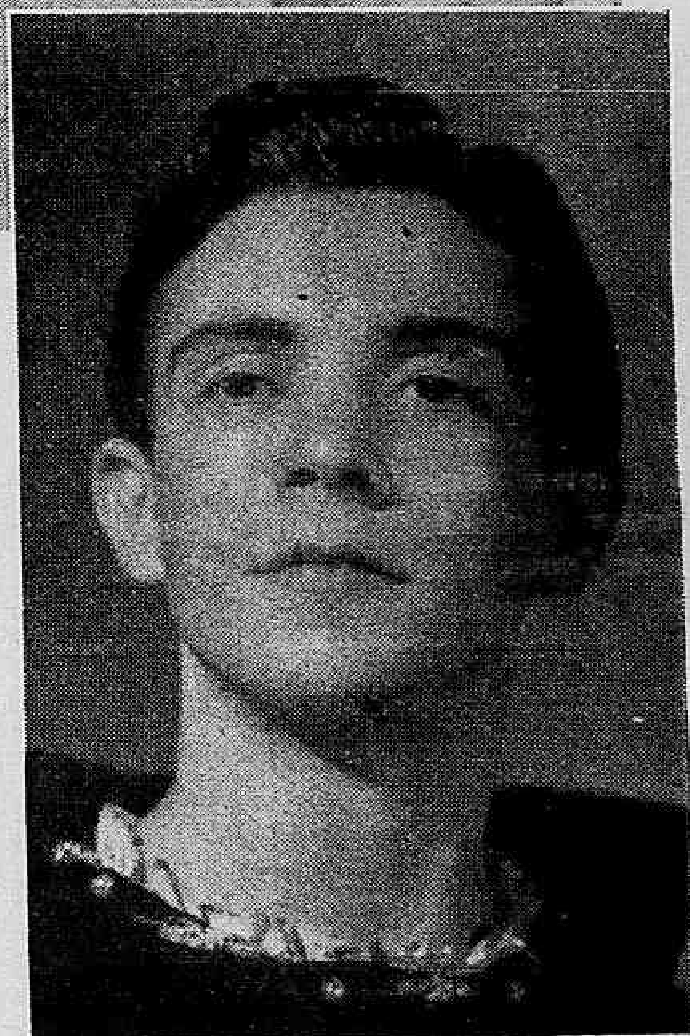


Cirley Franca



Inez Litowski

despertará no Brasil?



Johnny Franklin

(De JACQUES CORSEUIL, especial para A CENA)

Vermelho (De Basil) e o Gato de Botas (Ballet Theatre) mas há 4 variações para as damas de honra, além das 2 mostradas pelo Ballet, que são as dançadas por Cirley Franca e Inez Litowski. Estas variações são consideradas nas grandes companhias, os degráus para as dançarinas de talento chegarem à Aurora. Diga-se de passagem que entre as nossas, apenas Cirley Franca na "variação dos dêdos" tem a segurança e o acabamento exigido pelo modêlo acadêmico, embora sejam tôdas agradáveis e de grande sucesso com o público, especialmente Arlette Saraiva e Oneide Craveiro. Mas o "entendido" já pode ver uma promessa em Ady Addor e que Inez Litowski precisa dançar menos gelada e com mais confiança, pois tem os requisitos para a sua variação, de rítmo lento, linhas longas, movimentos largos e extensos.

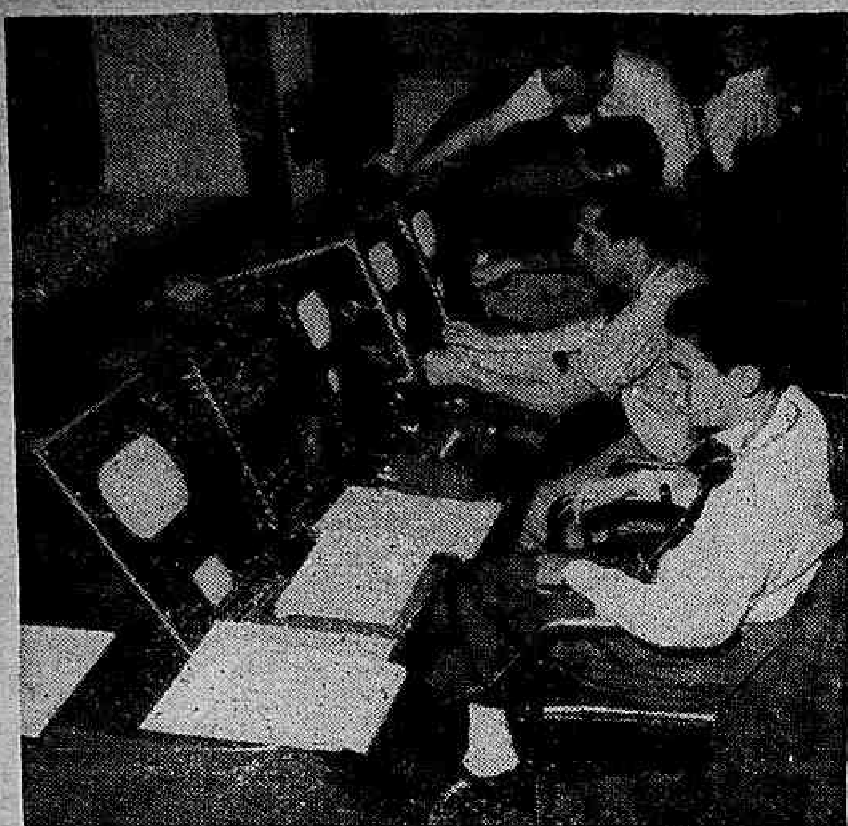
Aurora é um dos mais difícies papéis clássicos. O fato da versão estar reduzida não diminui as exigências da variação, do "pas de sept" e do grande "adágio". Não tanto em interpretação como "Giselle", nem em estilo como "Lago dos Cisnes", mas dentro de uma aparente execução fria de técnica, o papel tem um sentido bem definido que a dançarina não deve ignorar. Há brilhantísmo, perfeição de linhas, nobreza e dignidade de porte pois Aurora é uma princesa, mesmo de cabeça para baixo. Aurora é de fato a "ballerina assoluta" entre as outras ballerinas do ballet, obedecendo ao velho molde do ballet imperial.

Apesar da linha de seu físico ser um pouco forte para o padrão clássico, Berta Rozanova é no nosso ballet a dansarina de acabamento técnico e artístico indicado para êste papel. Quando pisa no palco, transmite alguma coisa além da execução limpa de passos. Berta não vence apenas as dificuldades técnicas do papel, ela dança realmente Aurora e embora Arhur Ferreira, como "partenaire", não estivesse numa das melhores noites, nem os "mergulhos" causaram nervosísmo. O que acho interessante é ver Aurora com o ar, ora dramático, ora longínquo e sonhador — sem a alegria contagiosa de uma Stepanova ou serena de uma Gollner, a felicidade radiante da princesa que despertou depois de 100 anos e dirige sua própria festa de noivado.

O "pas de deux" do Pássaro Azul com a Princesa Encantada, uma das obras primas da coreografia de Pepita, é uma prova de fogo do ballet. Beatriz Consuelo é tão encantadora e harmoniosa em tudo o que dança, seus movimentos são tão macios e ondulantes, que ninguém vai ter o tempo de notar se o seu equilíbrio ainda é um ponto vulnerável — o que não prejudica sua "performance", mas que poderia torná-la completa se fôsse dominado.

Quanto a Johnny Franklin, é pena que não tenha realizado, ainda desta vez, a promessa que nos deu num espetáculo matinal, em dezembro último: leve de salto, desprendido do solo, fazia prever um grande "Pássaro Azul" no futuro. As suas possibilidades técnicas permitem esperar muito mais do que dançou, pois nem bateria nem elevação apareceram com o destaque exigido pelo papel. Aqui está um artista que muito se dedica ao trabalho, na sala de aulas, mas que deixa sempre a impressão de não estar dando a metade do que poderia dar em cena. Uma certa restrição é útil, mas até certo ponto, pois a distância entre o palco e a platéia diminui a contribuição cênica de um dançarino.

(Continua na página 33)



Cassiano Mendes, diretor artístico da TV Tupi Difusora no seu pôsto, durante as transmissões. Cassiano, um dos grandes elementos da Rádio e da Televisão, é, filho do saudosíssimo Octávio Gabus Mendes que foi o maior radialista brasileiro

AINDA não entendi a razão porque a Televisão Tupi insiste em exibir aquêles filmes franceses horrorosos do tempo do onça, e duas vêzes por semana. E' claro que não exigimos filmes em primeira mão, mas coisa um pouco melhor, pelo menos mais claras. Não sei se as películas francesas são de aluguel mais barato, ou se o senhor Fernando Chateaubriand é apreciador de tais filmes. Se o caso é êsse, nós, os tele-espectadores, não somos obrigados a "gramar" tais programas.

Gostaria de despertar nos diretores da TV carioca o senso de patriotismo, do amor pelas coisas nacionais. Já que somos obrigados, no mínimo duas vêzes por semana, a assistir tais abacaxis, que sejam nacionais. Pelo menos com isso, conheceremos melhor o que é nosso, e se apontarmos defeitos serão para o nosso benefício. Quem não gostaria de assistir, por exemplo, filmes nacionais de mais de dez anos, com Carmen Miranda, Jaime Costa, Barbosa Júnior, Arnaldo Amaral, Mesquitinha, Grande Otelo, e muitos outros?

O Govêrno obriga os cinemas do Brasil a um mínimo de produções nacionais. Por que não obrigar então a TV Tupi a um mínimo, não só de filmes de longa metragem, mas também de "shorts" e complementos nacionais? Ajudaria a incrementar a produção, principalmente dos pequenos produtores e de complementos, e ajudaria o povo a conhecer as belezas naturais do nosso Brasil, tão grande e tão inexplorado.

A televisão é o melhor meio de instrução feita como distração, baseando-se no velho princípio: "divertir instruindo e instruir divertindo". Por isso, o Govêrno, que tanto cuida das programações de todos os meios de diversão da cidade e do país, que volte os seus olhos um pouco para a televisão, cuja platéia não tem limite de idade. Que faça com que os adultos e principalmente as crianças usufruam dos seus aparelhos televisores como um grande veículo de difusão cultural.

★

Continua a revista das segundas-feiras a ser mal orientada e sem comicidade. Convidaram Mary Gonçalves para o programa do dia 7 e nem a cara dela se viu, pois o "camera-man" incumbiu-se de focalizar os extras e não a "Rainha do Rádio", que, aliás, estava com um bonito vestido.

★

Que bom! Sônia Ketter foi para Buenos Aires. Durante uns dias vamos descansar dessa figura que a TV Tupi insiste em colocar em todos os programas...

★

Ari Barroso, como sempre, abrilhantando com os seus comentários, a sua resenha esportiva.

★

O programa lírico de segunda-feira, 7, muito bem apresentado. Até que enfim!

★

Os "camera-men" da TV devem ser muito engraçados, pois quase sempre fazem rir os locutores, principalmente o Paulo Raimundo. E por falar em Paulo Raimundo, por onde andará o Carlos Frias? Está fazendo falta!

★

Les Drims, bom número de atração. O repertório, porém, muito repetido.

★

Na têrça-feira, 8, depois do programa "Sucessos musicais", o locutor e produtor Aldo Viana veio ao microfone para anunciar a volta de um número qualquer em qualquer dia da semana. Até aí, nada de mais. O caso foi que o sr. Aldo Viana apareceu diante da "câmara" sem gravata. Que falta de respeito ao público! Será que na TV Tupi não havia ninguém para emprestar-lhe uma, apenas para êsse momento especialíssimo?

★

Por doença súbita de um ator, na têrça-feira, 8, Silveira Sampaio apresentou um programa deveras interessante, acompanhado de Fernanda Montenegro, Teófilo de Vasconcelos e Jorge Murad, que estiveram magníficos nas caricaturas da viagem do sr. Café Filho à Europa.

★

Boa notícia! O programa de calouros do Ari vai mudar de feitio. Até que enfim; espero que o grande locutor "rife" para sempre o senhor Diabo e a senhorita secretária...

(Cont. na pág. 32)

LAMENTÁVEL

INICIANDO a "Resenha esportiva" de segunda-feira, 14, Ari Barroso, com sua maneira inconfundível de ler suas crônicas esportivas, tecia comentários sinceros sôbre a atuação do nosso selecionado no Chile, procurando responsabilizar os possíveis culpados das más exibições, quando intempestivamente foram cortados o som e a imagem, entrando imediatamente uma reportagem de futebol juvenil, sem nenhum som. Passados alguns minutos, voltou o som, e o Ari, visivelmente agastado, descreveu sêcamente tôda a resenha. Ao final, novamente a imagem do Ari, encerrando o programa. Mais ou menos irritado, desculpou-se com os tele-espectadores dizendo que fôra interrompido "por um defeito técnico" e referindo-se ao que dizia, manuseando o escrito anterior, declarou: "Os senhores, com certeza, nem se lembram do que eu disse. Mas eu procurarei resumir o meu pensamento". E abandonando o "script" anterior, pegou uma outra fôlha de papel, leu mecânicamente uma série de considerações, completamente diferentes do teor do que vinha lendo anteriormente. Mas o que ficou patente a todos é que foi propositadamente cortado ao meio o comentário anterior, como uma censura imposta ao pensamento do popular homem da gaitinha. Atitude lamentável da direção da TV Tupi, que coibe a liberdade de pensamento do seu prestigioso colaborador, dá uma pública prova de falta de organização e direção, e, em última análise, constitui uma desconsideração para a já apreciável massa de tele-espectadores.

"ERRE"

vidéo

(Comentário de "ERRE" sôbre a Semana da Televisão)





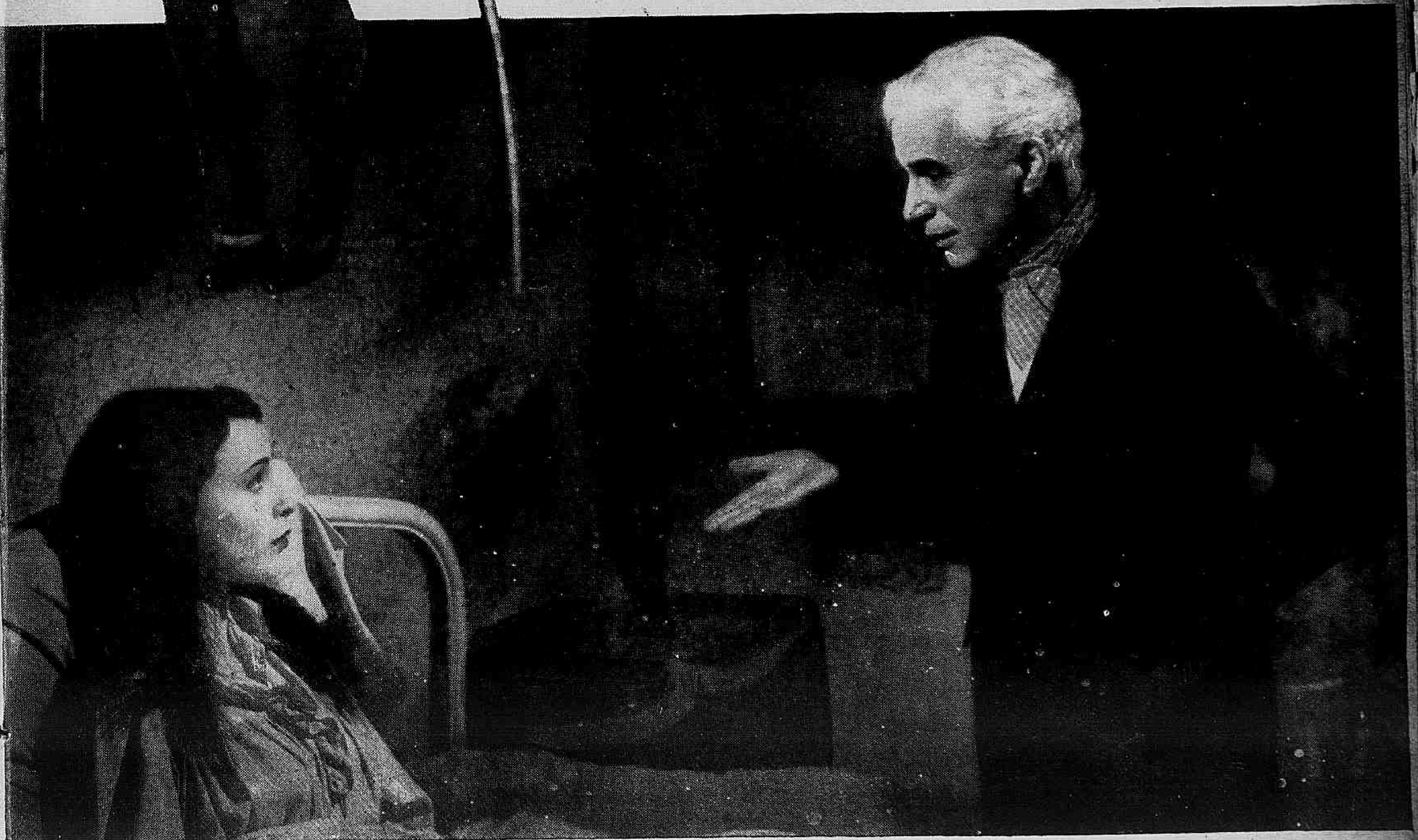


Lia Marques, primeira bailarina do Teatro Municipal de São Paulo, na Televisão. Com o maquilador Silvio, da Tupi Difusora é, no seu bailado «Tristão e Isolda»



"LIMELIGHT"...

Nigel Bruce, Sidney Chaplin e "Carlito", sem bigode neste filme. Em baixo, numa outra cena com Claire Bloom.



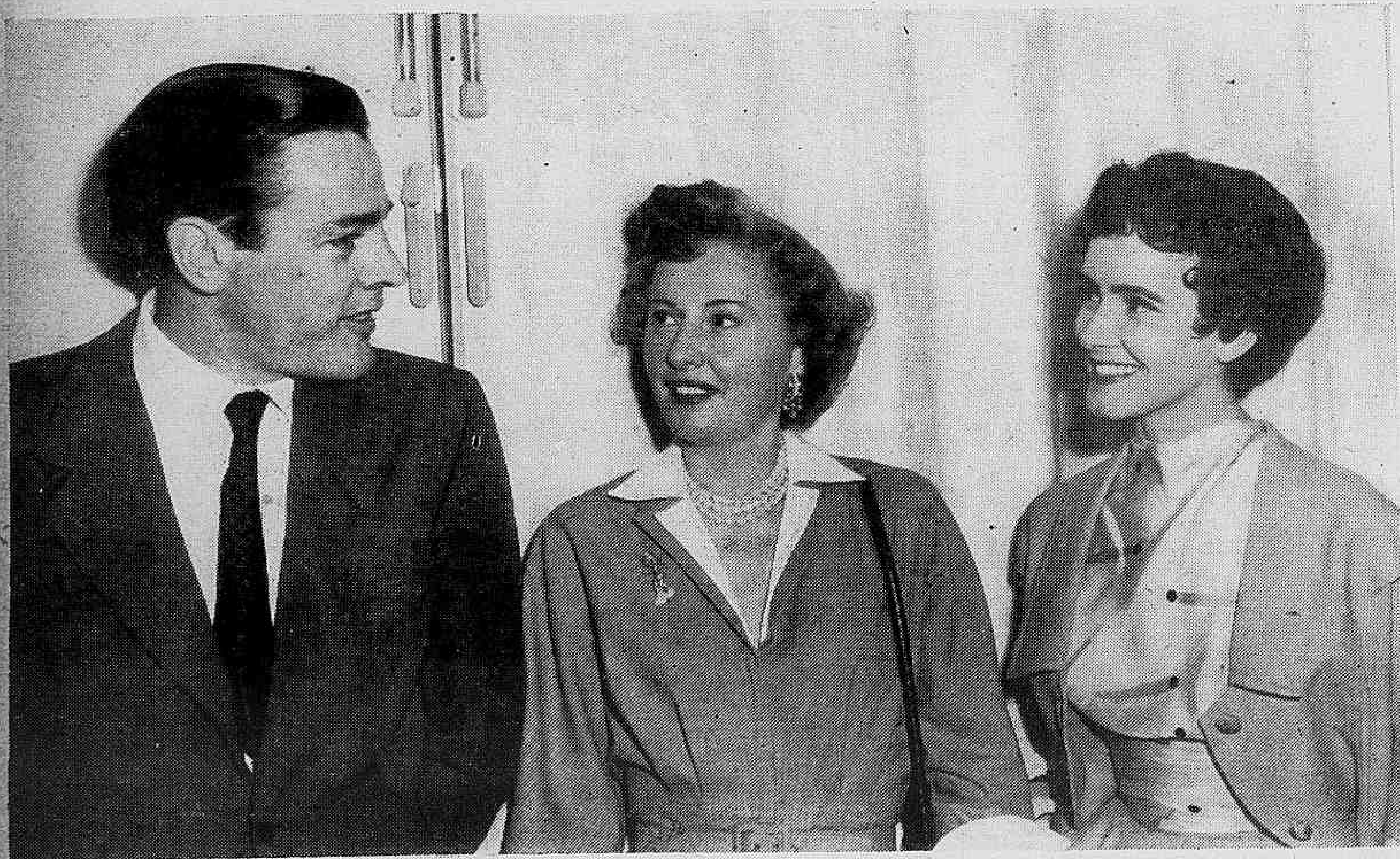
diretamente de

De GILBERTO SOUTO
(Especial para "A CENA")

O filme, que Carmen Miranda deveria começar êste mês, foi adiado. Os comediantes, Dean Martin e Jerry Lewis, fizeram greve e não apareceram no estúdia da Paramount na data combinada, causando grande transtorno ao produtor, Hall Wallis. Como sempre sucede, os boatos começaram a circular pela cidade, logo que se soube que os cômicos estavam "tomando banho de sol" em Palm Springs, sem darem a menor confiança para o estúdio. Uns contavam que Jerry e Dean estão exhaustos, depois de haverem feito uma tournée pelos estados, trabalhando em vários cinemas. Ganharam, é verdade, milhares de dólares, pois, hoje, são os artistas mais populares entre os fãs norte-americanos. Dizem também que desejam continuar, depois de um descanso, a tournée, pois ganham, em poucas semanas, muito mais que fazendo filmes. Alegaram outros que êles não gostaram da história que a Paramount lhes dera a fazer, pois o mesmo argumento já fôra feito, em 1940, por Bob Hope, sob o título "Ghost Breakers".



Walt Disney recebeu a visita do dr. Oscar Graça Couto, sua senhora e filha, Mônica. Em 1941, o casal Graça Couto convidara o produtor e seus colaboradores para um almôço em sua residência de Petrópolis. Agora, por ocasião da vivita dos brasileiros a Hollywood, Walt convidou-os a passar algumas horas no seu estúdio de Burbank



Kevin Mc Carthy, Bárbara Stanwyck e Melle. Claude Arvelle «Miss Cinemonde»

Falei com Carmen pelo telefone e ela me disse que sabia apenas que o filme fôra adiado, mas que, de qualquer maneira, deveriam fazê-lo mais tarde... e, se por acaso, desistissem do trabalho, ela receberia os 25 mil dólares do contrato.

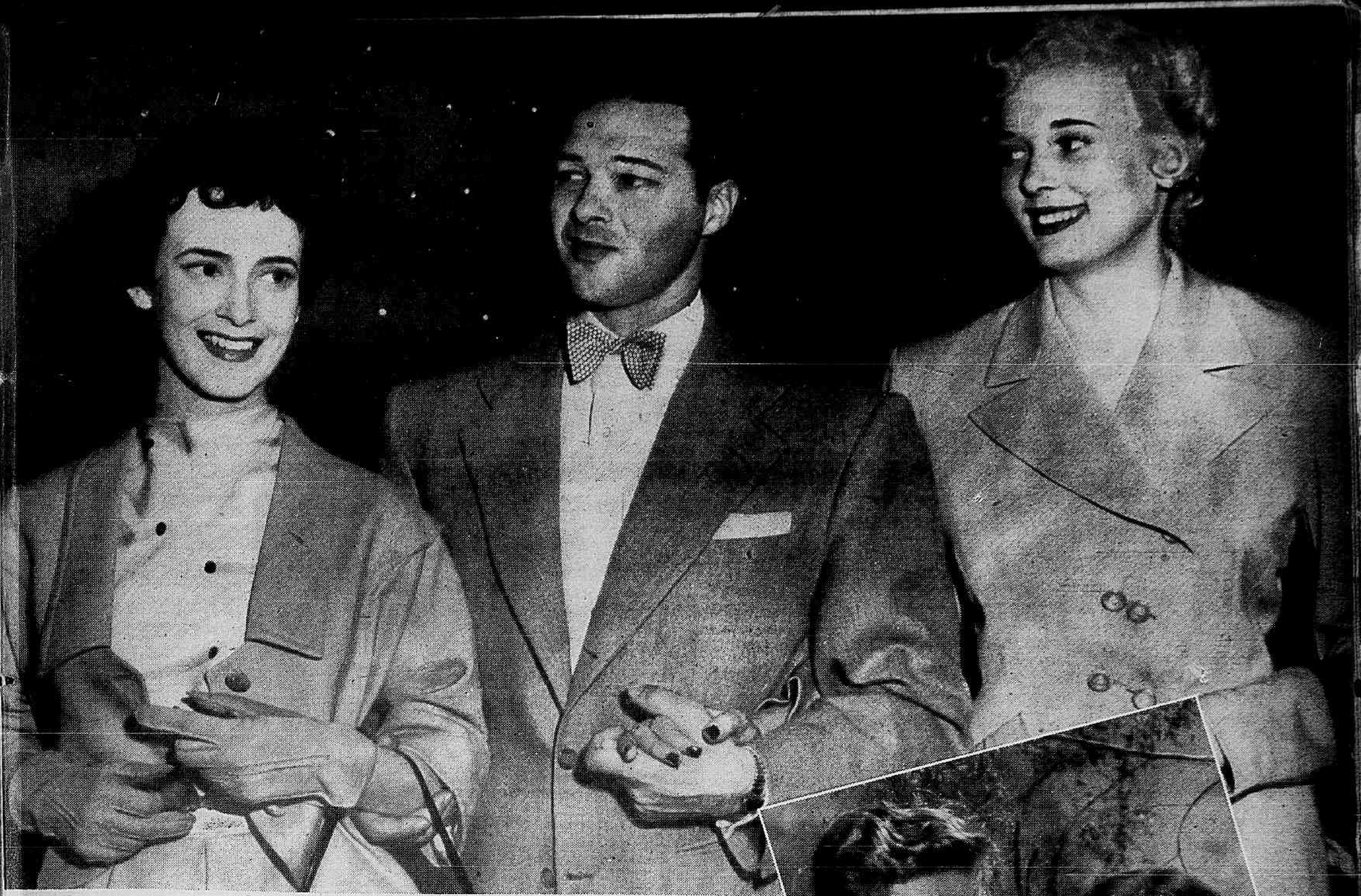
Carmen regressou de Dallas, onde obteve muito sucesso com seus números especiais. Comentamos o telegrama da United Press, publicado no Rio, sôbre o novo filme, onde se dizia que a nossa artista "não iria fazer os mesmos papéis espalhafatosos". Carmen me disse: "Gilberto, pode escrever que vou fazer a mesma coisa de sempre. Não posso mandar nos produtores ou ir contra o gôsto dos americanos. Êles me querem assim. Êles me pagam. Por mim, já teria mudado, mas sou escrava dos meus contratos".

Carmen tem tôda razão. Batemos um bom papo... e depois ela também foi para Palm Springs... Eu acho que o melhor seria a Paramount rodar o filme naquela cidadezinha do deserto. Afinal, os principais artistas lá estão passando uma temporada!

★

"Variety" e "Hollywood Reporter", jornais que escrevem exclusivamente sôbre cinema, publicaram, hoje, a crítica do filme "Strange World", ou "Mundo Estranho" da Astra Filme, nossa conhecida, grande parte filmada no Brasil e acabada na Argentina, filme dirigido por Francisco Eichharn. A notícia diz que o filme foi produzido por O. A. Bayer e Al O'Camp, antigo publicista da Rko-Radio, que já trabalhou no Rio de Janeiro. Os críticos de ambas as revistas não elogiaram muito o trabalho, fazendo, sobretudo, restrições à história e à direção. "Hollywood Reporter" escreveu: "A história não oferece oportunidade aos artistas, o diálogo é artificial e a sincronia péssima, mas Alexandre Carlos impressiona bem, sendo um tipo forte e bonito".

"Variety" disse: "Alexandre Carlos, um jovem louro, é um tipo bonito, mas tem pouca habilidade como artista". Escrevo estas linhas com a intenção única de noticiar o que se disse aqui, já que no filme trabalha um ar-



Miss Cinemonde, Anthony Dexter e Beverly Michaels, artistas da Columbia

HOLLYWOOD

tista brasileiro. Não creio, porém, que Alexandre Carlos tenha culpa das críticas, pois nem o diretor nem a história o ajudaram.

★

Fala-se que Louis B. Mayer, antigo diretor geral da Metro Goldwyn-Mayer, tomará conta dos estúdios da RKO-Radio Pictures. Para essa companhia, se isso vier a realizar-se, seria um achado, pois Louis B. Mayer é homem que entende de cinema e tem produzido inúmeros filmes de sucesso, além de haver descoberto, em sua longa carreira, dezenas de personalidades famosas.

★

Compareci ao almôço mensal que a Associação de Correspodentes Estrangeiros de Hollywood ofereceu há dias. Os convidados de honra foram Barbara Stanwyck, Kevin Mc Carty, Anthony Dexter, Sheila Graham, jornalista, e Mlle. Claude Arvelle, vencedora de um concurso de beleza da revista parisiense, "Cinémonde".

Claude Arvelle parecia estar no sétimo céu, ao lado de celebridades da tela, além de que encantou todos os presentes com sua beleza e seu imenso charme.

Depois do almôço, Kevin, Barbara e Anthony foram entrevistados pelos jornalistas presentes, respodendo a várias perguntas, ou contando fatos de suas carreiras.

Kevin fêz apenas um filme, "A Morte do Caixeiro Viajante", onde representou o papel do filho de Frederic March, Biff.

O seu desempenho é extraordinário, e por pouco que ganhava o "Oscar" da Academia, se bem que haja recebido da Associação Estrangeira o "Globo de Ouro", como melhor artista coadjuvante de 1951.

Kevin é um rapagão alto e bonito, extremamente simples e, pela sua fala e maneira de se exprimir, sente-se nêle um homem educado e inteligente. Disse que gostou de trabalhar no cinema, esperando continuar a carreira cinematográfica, se lhe derem bons papéis. Representou em Londres em "A Morte do Caixeiro Viajante" e, recentemente, trabalhou ao lado de Celeste Holm, em Nova York, na peça "Anna Christie". Confessa que, no palco, o artista sente o público de perto e isso é muito importante para um ator. Por outro lado, no cinema, o desempenho de um artista fica guardado para sempre, ajudando-o também a examinar o próprio trabalho e, assim, corrigir maneirismos ou atitudes.



Uma cena de «O Mundo Perdido», já exibido no Brasil, com Alexandre Carlos e Angelina.

Barbara, veterana do cinema, tocou no ponto de discórdia: o cinema de Hollywood e o europeu.

Reconhece que os filmes europeus oferecem histórias mais realístas, ao contrário do grosso da produção americana, que capitaliza em "contos da carochinha". Barbara acabou de fazer "Clash by Night", onde desempenha o papel de uma adúltera, acrescentando que "não morro no fim, não vou para a cadeia e não recebo castigo algum..."

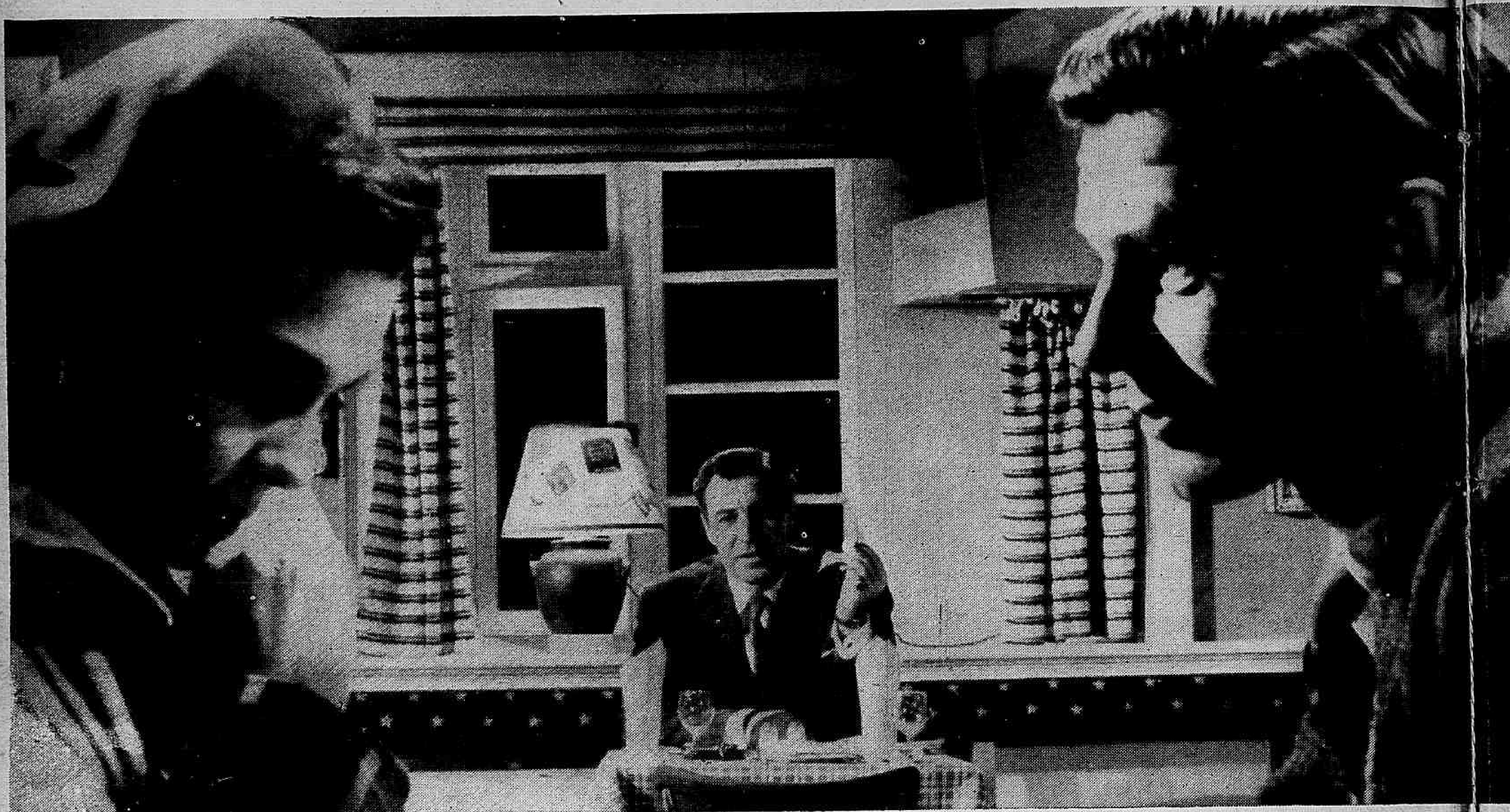
(Continua na pág. 32)

A GAIOLA DE OURO

JUDITH Moray (Jean Simmons), uma jovem pintora, se encontrá casualmente com Bill Brennon (David Farrar) num trem subterrâneo de Londres. Durante a guerra ambos tiveram um idílio, mas ela trata de esquecer o encontro, pois teme que tudo tenha sido uma ilusão passageira. Judith era apenas uma menina e êle, com seu vistoso uniforme da R.A.F., aparecia aos seus olhos como um herói da batalha da Inglaterra. Não obstante, a ilusão persiste e Bill faz renascer a oculta paixão, substituindo no coração da jovem à Alan Burne (James Donald), um médico que a corteja com fins matrimoniais.

em sua casa para discutir as condições monetárias para que se possa ajeitar a situação. Bill não se contentando com o que tinha feito, se entrevista separadamente com Alan e, para impressioná-lo

(Cont. na pág. 32)



Judith revive o idílio que teve durante a guerra...

A moça rompe com Alan e consente em casar-se com Bill, sem escutar os prudentes conselhos de sua velha criada Waddy (Gladys Henson), a qual lhe mostra a conveniência de averiguar antes algo sôbre a vida de seu futuro espôso e como êle ganha o dinheiro que até agora tem gasto com ela. Na noite de núpcias, Bill confessa à sua mulher que é um contrabandista, mas que está disposto a enterrar seu passado, pois lhe ofereceram um lugar numa emprêsa de helicópteros mediante a entrega da quantia de 5.000 libras esterlinas. Bill sofre uma amarga desilusão ao saber que sua linda espôsa não tem o dinheiro com o qual êle contava. O despertar de Judith naquela manhã não podia ser mais triste; seu simpático marido tinha desaparecido levando-lhe o pouco dinheiro que ela tinha e até o relógio que lhe havia dado como presente de casamento.

Bill chega a Paris e vai ao cabaré "A Gaiola de Ouro", propriedade de sua antiga amante Marie (Madeleine Lebeau), a quem tempo atrás abandonara igualmente depois de roubar-lhe o dinheiro. Ela, que continua amando-o, o acolhe de novo e Bill, cìnicamente, lhe dá o relógio de sua espôsa. Não passa muito tempo sem que Bill queira mais dinheiro e Rahman (Herbert Lom), o sócio de Marie e seu ex-amante, entrega ao aventureiro uma grande quantia de dinheiro com a condição de que êle venda seu passaporte para um criminoso que precisa escapar para os Estados Unidos.

Judith, que espera um filho, vai ao consultório de Alan para que êle a atenda e conta sua desgraça. Pouco depois de nascer o menino, os jornais publicam a notícia de que o avião com destino à Nova York tinha-se perdido e entre as vítimas aparece o nome de Bill. Judith e Alan, acreditando que estavam livres da nuvem negra que havia turbado seus caminhos, se casam.

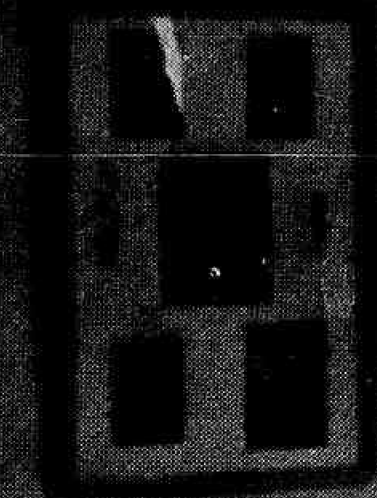
Bill, que continua dedicando-se à chantagem amorosa, fracassa numa de suas tentativas e tem que sair precipitadamente de Paris. Antes, porém, vai ao cabaré para apanhar seu passaporte, o que faz, apesar dos rogos e soluços de Marie, que teme perder o homem que ama. Folheando uma revista inglêsa, Bill fica sabendo do casamento de sua espôsa com Alan. Regressa a Londres e se apresenta em casa de Judith, a qual, cheia de surprêsa, lhe pede que se vá antes que Alan regresse. Bill o faz com a condição de que ela vá vê-lo em



OLA

E

RO







Judith apanha uma pistola... Bill telefona a Alan convidando-o a verificar a presença de sua mulher...





O jornal dava a notícia da morte de Bill

(CAGE OF GOLD)

Filme Balcon — U.I.

Judith	JEAN SIMMONS
Bill	DAVID FARRAR
Alan	JAMES DONALD
Marie	MADELEINE LEBEAU
Antoinette	MARIA MAUBAN
Rahman	HERBERT LOM
Inspetor de Polícia.	BERNARD LEE
Dupont	GREGOIRE ASLAN
Waddy	GLADYS HENSON
O dr. Kearn	HANCOUT WILLIAMS
Victor	LEO FERRE

BILL Holden é um ótimo rapaz, sem presunção ou vaidade. Sua família, seus amigos, seus diretores e colegas de trabalho garantem isto. Êles garantem também que Bill traz em sua natureza uma alta carga emotiva de dinamite. Tão alta, que é mesmo uma sorte estar êsse elemento explosivo sob contrôle. A princípio, o contrôle foi impôsto pelos pais de Bill — que têm orgulho do filho, mas são firmes e enérgicos. Com o decorrer do tempo e o crescimento, o contrôle passou a ser parte da natureza de Holden, tal como seu talento e sua bonita aparência.

A mãe de Bill, Sra. Mary Beedle, lembra-se do mais velho de seus filhos como um garôto impulsivo, curioso e levado, que "podia pensar em mais artes num minuto — do que os outros num dia inteiro". Quando estava com o espírito de aventura, êle tentava tudo: um pulo de pára-quedas, por exemplo com a sombrinha da mamãe, do telhado da garagem! Nada, a não ser a sombrinha, quebrou-se na queda. Mais tarde, êle também tentou equilíbrio nas linhas telefônicas.

Responsabilidade foi coisa que Bill aprendeu de maneira difícil, descobrindo muito cedo na vida que (pelo menos na família Beedle) responsabilidade e disciplina eram o preço do privilégio. Quando Bill era menino, a família vivia na imensa e confortável casa do avô, em O'Fallon, estado de Illinois. E os direitos de ordem do vovô tinham que ser respeitados. A mãe de Bill era professôra e seu pai um químico sèriamente interessado em seu trabalho, precisando de um ambiente calmo e perfeito em casa, ao voltar do trabalho para descansar. Bill podia convidar todos os seus companheiros da mesma idade para brincar em casa. E podiam brincar do que bem entendessem, logo que limitassem suas travessuras ao imenso quintal, cheio de árvores, longe, porém, das roseiras do vovô. Bill podia também fazer desordem em seu quarto, se... se depois quisesse arrumá-lo como estava antes!

Quando a família se mudou para Monrovia, no estado da Califórnia, Bill tinha 6 anos — o bastante para chefiar o menorzinho, Bob, nas travessuras. Mrs. Beedle se recorda das primeiras crises, quanto ao dinamite no temperamento. Uma certa manhã, Bill apareceu preparado, mas anunciando que não iria ao colégio. Êle tinha uma bicicleta nova, era um dia lindo e não via motivos para se trancar numa sala de aulas, quando po-

william holden — mr. dinamite

deria pedalar pelo campo. Uma revolta declarada, pois a escola foi sempre um dos mais sérios deveres da família Beedle. Tudo o que Mamãe Beedle fêz foi chamar o garôto, calmamente, e mostrar-lhe o laço que une o privilégio e a responsabilidade. Muito bem, Bill faltaria à aula naquele dia, se desistisse do cinema no sábado ou no domingo. Êle foi à escola.

Certa vez, passava o nosso herói dos 10 anos, a família recebeu a visita de Ray Schalk, grande jogador de base-ball e amigo da casa. Ray ofereceu-se para levar o garôto a fim de assistir ao treino. Bill era louco por base-ball e mais ainda pelo visitante. E êle desejou naquele dia assistir ao treino do "team", mais do que qualquer outra coisa no mundo. Mrs. Beedle também desejava fazer a vontade do filho. Mas não podia ser fraca. Já desde algum tempo, êle estava dando sinais de alergia aos estudos. Com suas notas tão baixas, um dia de ausência seria coisa séria nos exames.

— Mas eu nunca mais vou poder ver um jôgo assim — explodiu Bill.

— Eu sei — disse a mãe com simpatia. — E' mesmo uma pena...

Bill ficou sério, fazendo beicinho, quase chorando. Se êle chorasse, é provável que Mrs. Meedle cedesse. Mas o garôto não chorou. Foi ao telefone e chamou Ray Schalk.

— Olhe, Ray, estou muito aborrecido. Eu dava tudo para ir, mas não posso. Estou muito mal na escola e não posso mais perder uma aula..."

O contrôle já estava trabalhando. E o jovem Bill precisaria dêle muito cedo. Pois, no comêço dos 30, a família Beedle, assim como todo o país, teve que enfrentar a crise. E o pai, gravemente enfêrmo, ficou prêso ao leito durante três anos. Mamãe Beedle, com três filhos (Richard, o terceiro, nascido dois anos depois da mudança da família para a Califórnia) teve que voltar ao seu trabalho como professôra. E Bill, como o mais velho, realmente tomou o lugar do pai na direção do lar. Mrs. Beedle, diz que desde aquela época devia ter compreendido que Bill seria um ator. Pois o rapaz fazia o seu novo papel como se estivesse trabalhando numa peça. Muitas noites, quando chegava em casa, fatigada com o seu trabalho na escola, Bill insistia que ela se sentasse à cabeceira da mesa. E com uma toalha no braço, imitando um "garçon" de luxo, servia o jantar que êle próprio tinha feito!



Conhecer essas histórias da infância de William Holden facilitará a compreender a mistura de temperamento, talento, modéstia e senso comum que o colocam à parte, entre as outras personalidades contemporâneas do cinema.

Quando o chefe do departamento de "talentos novos" do estúdio da Paramount, Artie Jacobson, pela primeira vez pôs os olhos em cima do rapaz alto e magro, que estava sentado no seu escritório — ficou mais do que surpreendido! O seu auxiliar assistira a um espetáculo de amadores, no Pasadena Community Playhouse, a fim de observar uma garôta nova que prometia. E voltou entusiasmado, não com a garôta, mas com o ator já meio velho e característico que fazia o papel de pai. O ator meio velho e característico era o nosso Bill Beedle, graças à cabeleira e barbas postiças. Êle estudava no Pasadena College e pisava o palco pela primeira vez.



Bill Holden visitou o «set» onde se filmava «Jumping Jacks», da dupla Martin-Lewis, os mais populares cômicos do momento nos EE.UU.

Jacobson ofereceu a Bill a "chance" pela qual muitos rapazes de 20 anos teriam lutado — um "test" cinematográfico.

— Será filmado domingo — disse o agente. — Mas você deve vir aqui todos os dias, para ter algumas lições em diálogos, maquillage, etc.

Bill respondeu calmamente que vir ao estúdio, todos os dias, era impossível. Êle estava nas últimas semanas do ano letivo e não podia "matar" aulas.

— Você quer dizer que vai perder uma oportunidade destas, só para não faltar ao colégio?

— Não posso correr o risco de ser reprovado explicou Bill. Jacobson pensou que não estivesse ouvindo bem. Aquêle rapaz era maluco! Mas o nosso Bill continuou firme. O cinema era uma aventura comparado com os seus deveres sérios. Jacobson compreendeu, então, o caráter firme do rapaz. E ficou combinado que, depois das aulas, êle teria as instruções necessárias e o "test" foi feito no domingo seguinte. Entre parêntesis, devemos dizer que Bill passou nos exames com ótimas notas.

Entretanto, o produtor do estúdio, que devia dar o sim ou o não final, assistindo ao "test", achou que Bill não valia nada. Era insípido. Sem graça e sem colorido. Não adiantou Jacobson insistir que Bill tinha tudo, que era um tipo diferente, cheio de reserva e distinção raras numa criatura tão jovem. No meio da discussão, o vice-

presidente do estúdio, Mr. Frank Freeman entrou na sala de projeção e perguntou qual o motivo. Jacobson explicou o caso e pediu para mostrar o "test". Freeman deu-lhe razão e concordou que o rapaz fôsse contratado como principiante, a 50 dólares por semana. E assim êle ficou algum tempo, sem fazer nada.

Acontece que, pouco tempo depois, o produtor da Columbia, William Perlberg, preparando o filme "Golden Boy", desejava uma jovem desconhecida para fazer o papel da irmã. Passaram-lhe, na Paramount, o "test" de uma novata.

Acontece que era o mesmo "test" do nosso Bill.

— Quem é êsse rapaz? — berrou Perlberg. — Quem é êsse rapaz, Artie? Você descobriu o nosso "Golden Boy"!

Trabalhando excessivamente dias inteiros, num ambiente novo para êle, num trabalho completamente estranho para suas habilidades, dividindo suas noites entre um professor de violino e outro de box, pois eram coisas exigidas pelo seu papel, Bill terminou o filme — e da noite para o dia se tornou uma revelação sensacional em Hollywood. Mas o rapaz estava ocupado e cansado de mais para tomar conhecimento disto. A única coisa que êle guardou, dêsses dias exaustivos do primeiro filme, foi uma amizade sólida e duradoura. Hugh McMullan, graduado pelas Universidades de Williams e Oxford, professor de música e arte em Berkshire, era o diretor de diálogos em "Golden Boy". McMullan escolheu livros para que Bill lesse, orientou-o numa apreciação de música e arte.

— Fez-me compreender e apreciar muitas coisas que eu talvez tivesse negligenciado — diz Bill. Uma dessas coisas, que talvez nunca tivesse ocorrido a Bill, foi uma bonita jovem de New York, Miss Ardis Ankerson — agora trabalhando no estúdio da Warner Bros, sob o nome de Brenda Marshall, em "O Gavião do Mar".

Bill e McMullan residiam juntos num pequeno "bungalow" nas colinas de Hollywood. E o amigo, vendo que Bill estava bastante em falta de namoradas, resolveu remediar o caso. Uma após outra, as pequenas bonitas que McMullan conhecia, foram apresentadas ao novo galã. Mas quase sempre, lá pelo meio do jantar, Bill ficava desinteressado na palestra e respondia ao amigo com um sacudir de ombros. McMullan compreendeu que Bill estava, realmente, cansado com o exaustivo trabalho no estúdio para se ocupar com romances. Quando pela primeira vez êle mencionou sua conhecida de New York, Bill foi mais obstinado do que de costume.

— Não quero, nem estou interessado em conhecer mulheres casadas com filhos — respondeu êle. Ardis Ankerson era separada do marido, mas aos olhos de Bill, era sempre uma mulher casada. Entretanto, logo após a estréia de "Golden Boy", a Warner Bros. pediu o rapaz emprestado para trabalhar ao lado de George Raft em "Invisible Stripes". Hugh falou-lhe de novo na atraente Ardis que, por coincidência, estava trabalhando bem no "set" ao lado, no mesmo estúdio.

— Se encontrar com ela, convide-a para jantarmos juntos. Bill encontrou a jovem e os fãs sabem o que aconteceu. Bill e Brenda Marshall conheceram-se em Setembro de 1939 e casaram-se 21 meses depois em Las Vegas, no dia 13 de Junho de 1941. O casamento teria sido muito antes, se não fôsse o tempo necessário para o seu divórcio e a custódia de sua filhinha, Virginia.

Quando Bill e Brenda (até hoje, êle a chama de Ardis) marcaram a data para o casamento, o nosso herói estava em filmagem. Para não perder tempo, Bill e o padrinho Brian Donlevy voaram para Las Vegas, sábado à noite. O casamento foi feito domingo e segunda pela manhã Bill já estava de volta ao estúdio para o trabalho. Quinta-feira, Ardis partiu para o Canadá, onde ficou três semanas em filmagem. No dia que chegou de volta a Hollywood, Bill tinha partido, por sua vez, para outras filmagens em Carson City. Dez dias depois estava de volta, numa ambulância, diretamente para a casa de saúde, para uma operação de apendicite. Na véspera de sua alta, Ardis queixou-se de uma dôr no lado direito. "Dores simpatizantes" — gracejou Bill. Mas o médico não concordou e a espôsa ficou na casa de saúde para uma operação de emergência!

Depois de tudo isto, o casal teve cinco semanas de calma e reunião — para a convalescença. Mas a lua-de-mel ainda não fôra realizada. Em Janeiro, os dois partiram para Washington, a fim de comparecer ao baile presidencial e, em seguida, uma estada em New York. Os Estados Unidos já estavam na guerra e Bill sabia que a lua-de-mel tinha que ser agora ou nunca — pois já estava decidido a se alistar. Mas os estúdios mudaram o plano. A Paramount chamou Bill de volta a Hollywood no dia seguinte ao do baile do Presidente — e enquanto o marido voava para a Califórnia, a espôsa seguia sòzinha para New York, onde seu estúdio exigia sua presença para representações pessoais nos cinemas. No dia 15 de Abril, Bill terminou o filme e no dia 17 alistou-se no exército.

Entre os problemas que Bill e Ardis tinham combinado de antecedência, no ano de espera pelo casamento, estava o que tôdas as artistas enfrentam com o nascimento do primeiro filho. Quando isto acontecesse, Ardis tinha prometido a Bill deixar o cinema e dedicar-se à carreira mais importante do mundo — a de espôsa e mãe. Assim, Brenda Marshall saiu dos filmes quando estava no auge de sua popularidade, para se tornar simplesmente a Sra. William Holden — uma decisão que nunca lhe provocou arrependimentos. Quando nasceu o primeiro filho, em Novembro

(Cont. na pág. 31)



Nos seus tempos de «Arizona»...



William Holden firmou-se definitivamente em «O Crepúsculo dos Deuses», com Glória Swanson

MARIA José Gonzaga, ou Zezé Gonzaga, como é mais conhecida no meio radiofônico, é uma morena de altura média, rosto simpático, traços suaves e delicados, olhos castanhos. Encontramos Zezé na Rádio Nacional, onde acabara de cantar em um de seus inúmeros programas que possui na emissora da Praça Mauá.

— "Nasci na cidade mineira de Manhassu em 3 de Setembro de 1926, mudei-me, ainda muito jovem, com minha família para a cidade de Pôrto Velho. Desde criança alimentava o grande desejo de ser cantora, talvez esta vocação tenha sido hereditária, porquanto descendo de uma família de músicos. Meu avô, Joviano Costa Pinto, era maestro, meu pai, Rodolfo Gonzaga, embora não tenha sido profissional, é um exímio violonista e minha mãe, Oraida Gonzaga ainda hoje toca flauta..."

Esboçamos um ar um tanto surprêso.

— "Sim flauta — respondeu Zezé sorrindo. — Isto surpreende a muita gente, porque, de fato, não é muito comum uma senhora tocar êste instrumento, entretanto ela toca e toca muito bem, já tendo tomado parte em diversos "shows".

— Continue Zezé, pois temos certeza que outras surprêsas iguais a esta nos aguardam.

— "Cantei pela primeira vez a valsa "Neuza", da autoria de Antônio Caldas, que fôra gravada por Orlando Silva e que naquela época constituía o coqueluche do momento, em um festival em Pôrto Novo. Como tôda mocinha que reside no interior, terminado o primário, meus pais mostraram interêsse que eu

zezé gonzaga
E O "FAZ DE CONTA"...

De RAMALHO NETTO



Zezé e o incrível José Menezes do violão. «Zé Meneis», como o chamava Alvarenga nos seus programas, também é compositor e está vendo se a Zezé «gosta desta que eu fiz também»...



Zezé dá grande valor às palavras das canções.



Zezé, Maestro Lírio Panicale e Paulo Serrano, diretor artístico da «Sinter».

seguisse o curso normal. Todavia, mudamos para o Rio e aqui depois de muito esfôrço consegui entrar para a Rádio Clube do Brasil."

— Zezé, conte-nos agora como você foi para a Nacional, que sabemos ser a maior aspiração dos artistas, devido a penetração da PRE-8 em todo o território brasileiro e também em outros países.

— "Deu-se de um modo muito interessante. Acabara eu de cantar em um programa da Rádio Clube quando vieram avisar-me que da Rádio Nacional desejavam falar comigo. Atendi, disseram-me que o Sr. Vítor Costa me convidava a comparecer ao seu escritório, pois desejava que eu fizesse um teste para ingressar na PRE-8. Inicialmente, julguei que se tratava de um trote, brincadeira bem comum em nosso meio. No entanto, por insistência de alguns colegas, subi os 22 andares do edifício de "A Noite" para ver se realmente o Sr. Vítor Costa me havia feito o convite. Fiz o teste e comecei a cantar em 1949. Como vocês vêem não era trote."

— Zezé, quando você começou a gravar?

— "Amigos, vocês não calculam o que esperei e passei para conseguir gravar, uma de minhas maiores aspirações. Já estava desanimada, pois há seis anos estava à espera de uma oportunidade, e se não fôsse o Sr. Paulo Serrano, diretor artístico da Sinter, muito ainda esperaria por ela."

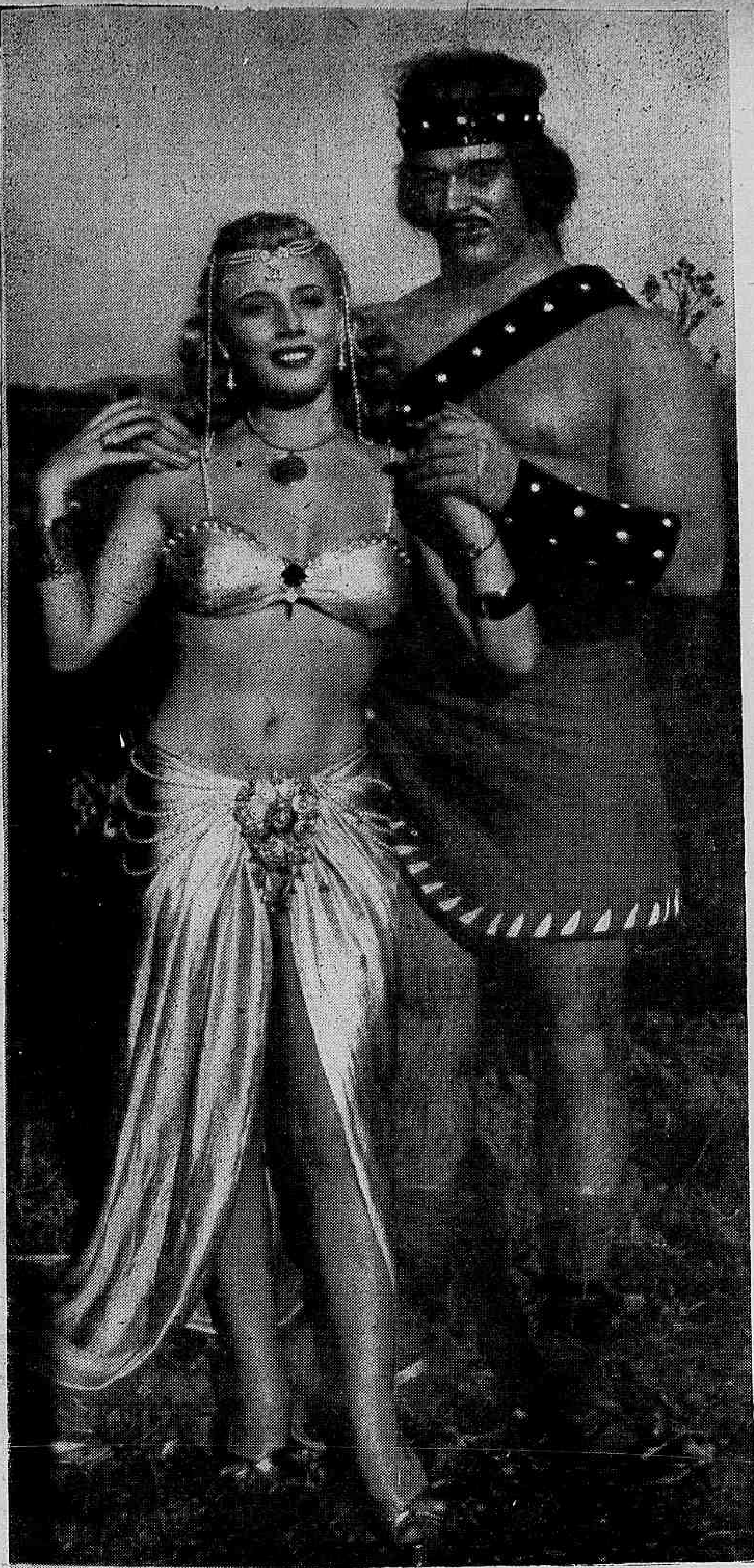
— De fato Zezé, o Paulo Serrano tem sido um verdadeiro Ziegfield aqui em nosso país, tem revelado ao público verdadeiros talentos que lutavam para ingressar no mundo dos discos, onde até bem pouco tempo existia uma verdadeira "cortina de ferro" em que só os cartazes já feitos tinham vez.

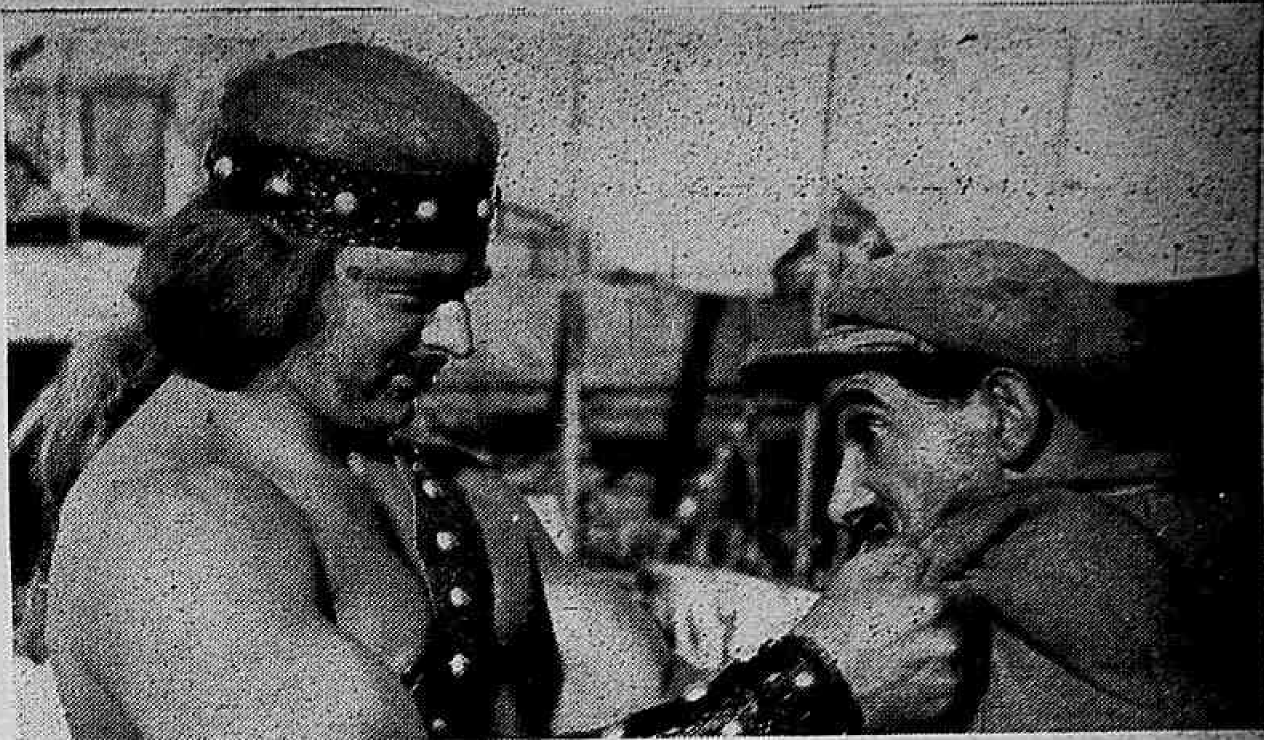
— Recebi um convite para

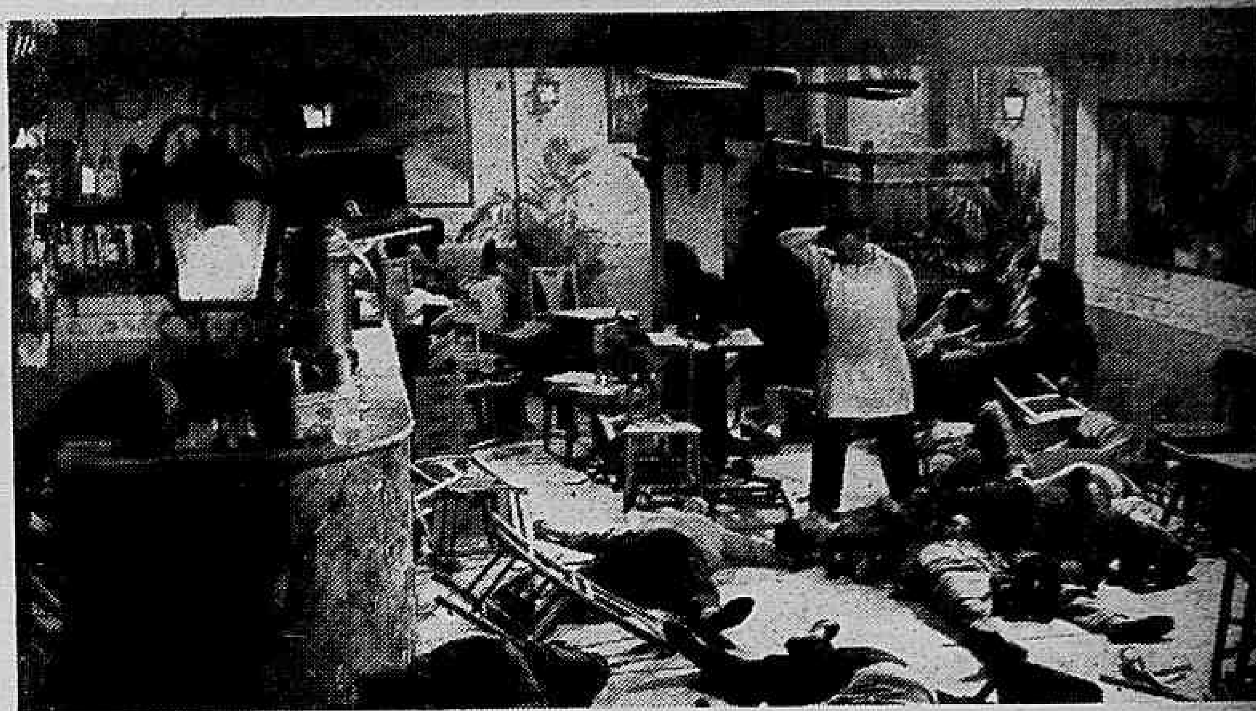
(Cont. na pág. 32)



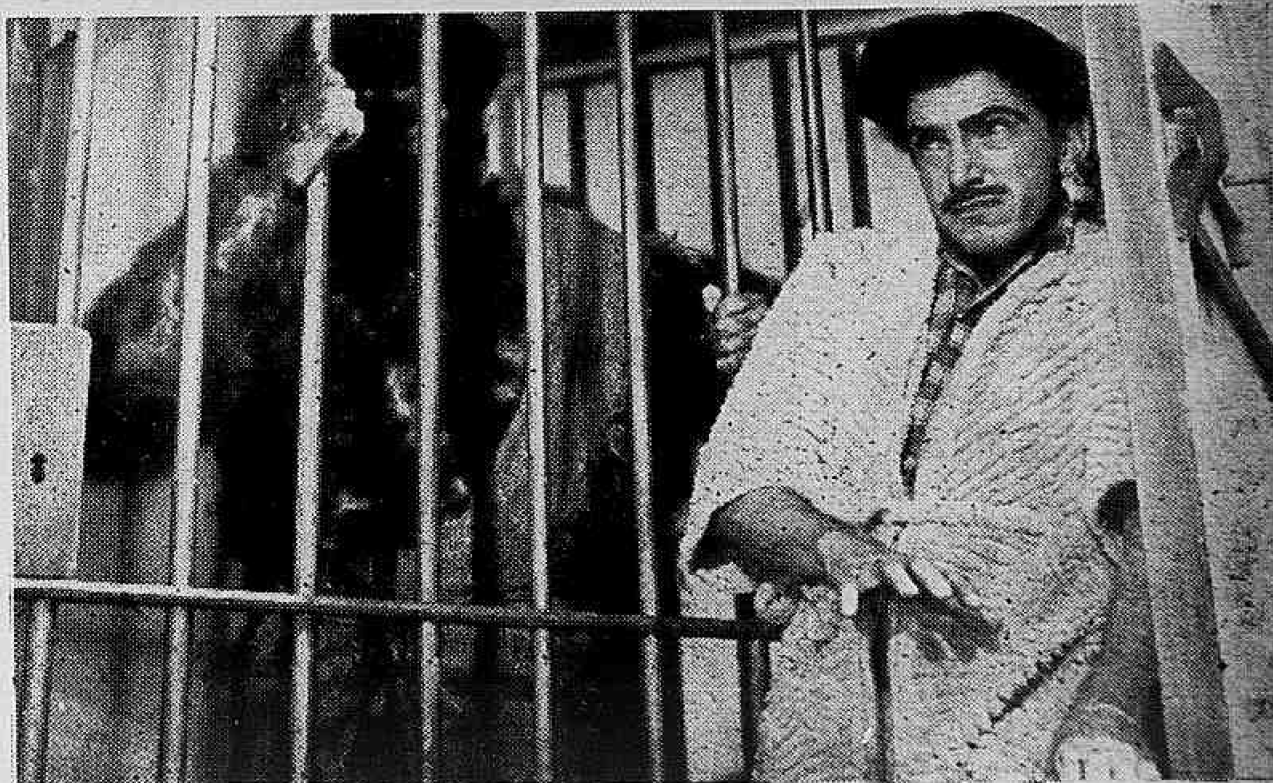
Ao lado de Clímaco César, autor da ...eira brasileira de «Faz de Conta»





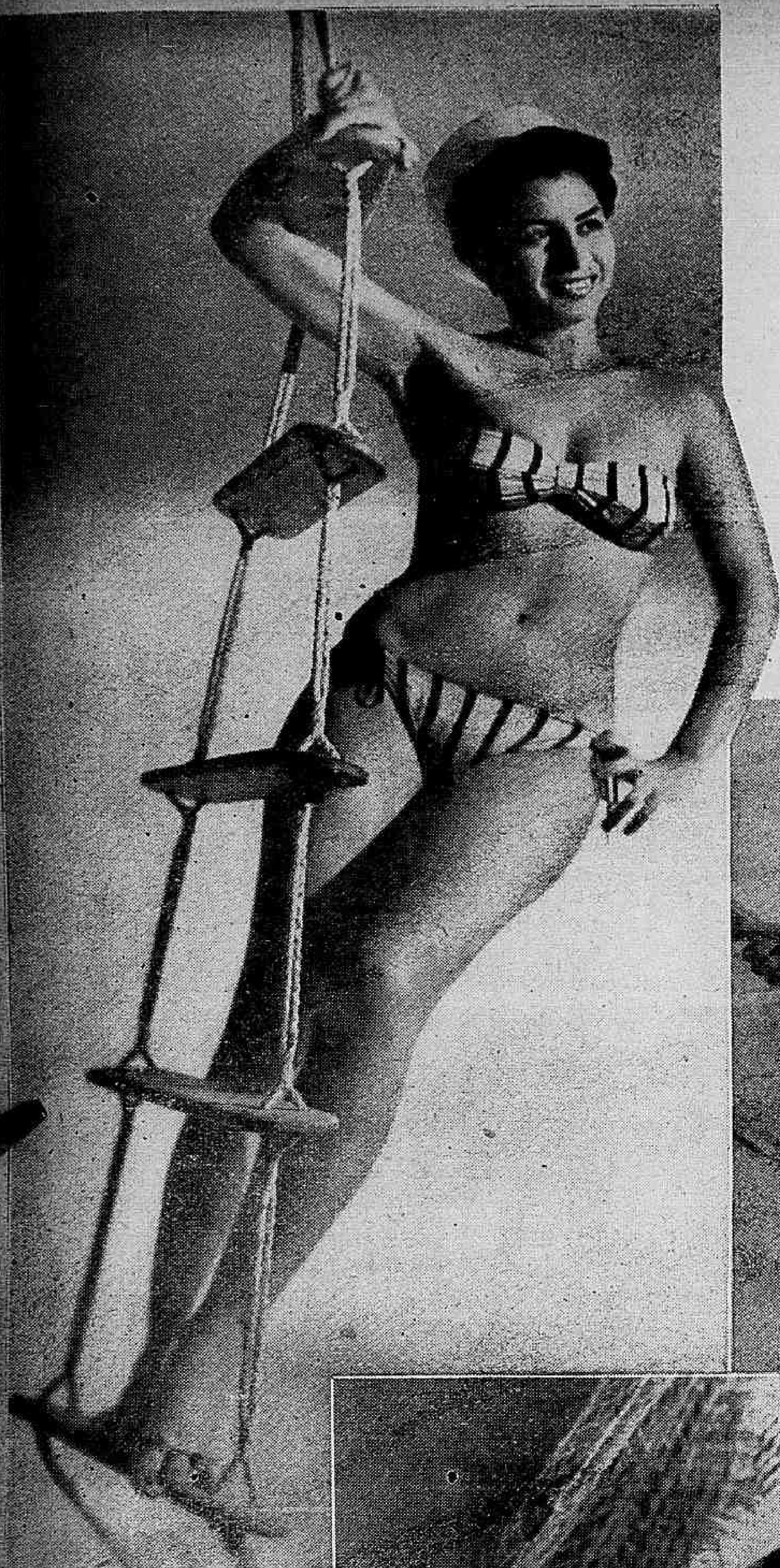






Cenas
de
"SAI DA
FRENTE",
comédia
da Vera Cruz
com
MAZAROPPI
e direção
de
Abílio de de
Almeida
e
Tom Payne

CINEMA BRASILEIRO

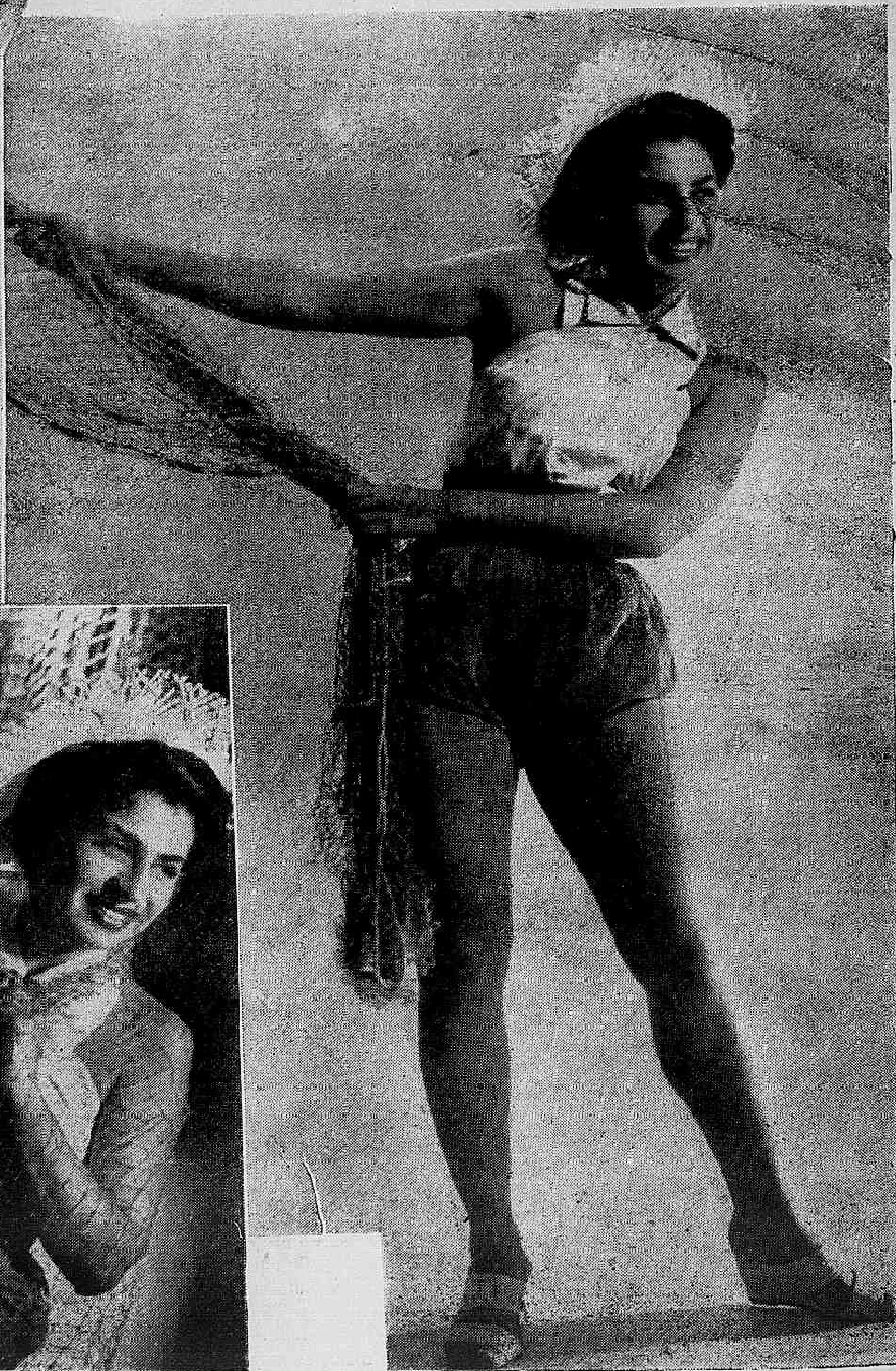


quem é nélia paula?...

CHEGOU Nélia Paula com um sorriso bonito, brincando com os seus lábios rubros. Calças longas e uma blusa branca de malha. Os seus cabelos negros despenteados. Sentou-se na mesa e pegou um cigarro. Nada de atitudes felinas nem maneios sensuaes. Ri e fala com desembaraço. Não conhece a si mesma. Tem certo medo das perguntas.

— Vocês jornalistas sabem mais do que nós... mas nem sempre a verdade. Não me pergunte sôbre côres porque isto é com os meus diretores. Flores, os que entendem são os meus namorados... e sôbre a minha fotogenia, indaguem do Ávila... Os seus olhos lhe emprestam sedução, a mesma que já a fêz conquistar uma legião de fãs. Na verdade ela tem uma decidida vocação para o Teatro.

O seu vardadeiro nome é Nalia Faria. Não é daqui, é de Niterói. Nasceu a 26 de





Nélia, cuja popularidade cresceu tão ràpidamente, é torcedora do Fluminense...

outubro de 1930. Enfrentou o público, pela primeira vez, como modelo de Wahita Brasil.

Conseguiu um lugar de "Crooner" na Casablanca quando Renata Fronzi a viu e colocou-a imediatamente no seu primeiro Café Concêrto. Ela fêz aquêle "Cadilac"... Lembram-se? Que "Cadilac!" E Nélia trabalhou em todos os Cafés desde o primeiro ao décimo. Ainda por intermédio de Renata trabalhou nas peças que ela e César escreveram para Derci Gonçalves no Teatrinho Jardel, "Zum-Zum" e "Ó do Penacho".

Continuou depois no Jardel com Geysa, quando figurou em "Estou aí nesta Caixinha" e "Um Milhão de Mulheres"..

Nélia gosta de Marron-glacé e de estrear um vestido novo tôdas as semanas... A sua maior emoção foi quando estreiou falando e representando no Teatrinho Jardel. O seu maior sonho é ter uma posição definida no Teatro.



Nélia já trabalhou na Televisão e no Cinema como uma das intérpretes de "O Preço de um Desejo". Foi a segunda colocada no concurso da "Rainha do Baile das Atrizes" perdendo por cabeça, de Virginia Lane a quem ela acha ter merecido realmente o título. Julga o seu filme uma experiência e no Cinema gosta de Danny Kaye, Ingred Bergmann e Ana Magnani. Conta que, certa vez, estava com um lindo vestido branco quando levou uma queda em plena Avenida Rio Branco, num dia de chuva...

Nélia está atualmente no elenco do Recreio de "Ha Sinceridade Nisso?"

Nélia é um violino de classe... E' um instrumento humano que foi feito para as melodias as mais suaves e os chiados os mais irritantes... Depende do "virtuose" que o tomar e nas mãos...







Nélia tem decidida vocação para o palco.

rotação 33...

(De R. G. MELLO PINTO)



Emilinha Borba

Emilinha Borba gravou a versão brasileira de "Se tu partais" de M. Emer, sendo as palavras em português de autoria do Caribé.

O Caribé telefonou para a Emília às três horas da manhã, para que ela viesse ao Copacabana Palace. Trancou o pobre do Siqueira na sala do piano e obrigou-o a fazer a orquestração para gravar no dia seguinte. Siqueira começou às 4 e terminou às oito da manhã. Que vida fácil a dos maestros não acham!

★

O suplemento da "Tôda América" nos apresenta coisas bastantes interessantes: — Chiquinho em solo de harmonica nos proporciona belas gravações de "Canção de Amor" e "Meu Sonho é Você" os dois maiores sucessos da casa no ano passado; Chiquinho, naquele seu jeito de tocar todo especial e revolucionário, dá um colorido diferente às essas duas melodias. Ótima gravação.

★

Orlando Corrêa, também no suplento "Tôda América" nos apresenta duas melodias muito bonitas destacando-se, "Onde estás amor?".

Publicamos hoje a letra do bonito bolero de Haroldo Eiras e Vitor Bárbara, uma gravação "Elite", de Rosita Gonzales.

Noite após noite
Vivo pensando em ti
Noite após noite
Eu não revelo o que senti
Pois tu és uma ilusão
Que maltrata o coração
E que me faz sofrer
Noite após noite
Tua imagem a beijar.

Só porque
Todo o meu calor
Se resume em teu amor
Que é um sonho a iluminar
Todo o meu triste penar
Noite após noite.

★

"Não sei a razão" samba de Luís Bonfa em gravação "Continental", por Dick Farney, melodia muito bonita e romantica como aliás o Luís Bonfa sabe fazer muito bem, acompanhada por uma orquestra de cordas, muito bem constituida, como sempre acontece nas gravações da "Continental", pois, tanto artística como tècnicamente, (graças ao Lourival) está liderando as listas das nossas gravadoras.

★

"Não tenho você" e "Se você se Importasse", continuam vendendo uma barbaridade.

★

CONSELHO DA SEMANA

Ivan de Alencar — Sinter — grav. nº 00-00135 — Orqu. Lírio Panicali.

Novo Amor — samba — Lourival Faissal.

Adeus Meu Amor — bolero — Haroldo Eiras — Vitor Bárbara.

★

A Sinter nos apresenta duas boas gravações em música americana: "Too Young" (Sid Lippmam — S. Dec).



Ivan de Alencar

"That's My Girl" (Ray-Ellington-B. Tobias) ambas pelo Mat King Cole". Ainda "September Song" (K. Weill-M. Anderson).

"Artistry in Tango" (Stan Kenton). Estas últimas são gravações da Orq. de Stan Kenton.

★

Todo o mundo está esperando o "Babalu" de Dick Haymes, gravado com a orquestra de Xavier Gugat. Disco "Mercury".

★

Conforme opinamos numa de nossas seções o samba "Nunca" de Lupicinio Rodrigues está ganhando pouco a pouco a simpatia do povo e vai acabar reeditando o estrondoso sucesso de "Vingança".

Na Boite Oasis em S. Paulo aonde Lupicinio está se apresentando com o violão, a música mais pedida e aplaudida é o "Nunca".

★

A direção técnica da Sinter deve tomar cuidado, pois algumas de suas gravações estão apresentando um "chiado" horrível.



Falando recentemente à reportagem, Ray Anthony assim se expressou sôbre sua orquestra:

"Uma das principais razões porque tenho uma orquestra como a que dirijo é que sempre acreditei, desde os meus tempos com Glenn Miller, em uma atração universal para o público. Este "appeal" é proveniente, talvez, pelo fato de que tocamos boa música, mas permanecemos no meio-termo. Com Guy Lombardo em um extremo e Stan Kenton no outro, nosso objetivo é permanecer entre ambos. Tentamos dar ao público a melodia escrita em arranjos bons e musicais, embora com um compasso forte. Como resultado, nossos arranjos "ligeiros", são escritos em dois compassos, mas não em dois compassos "borocochôs". Seguimos algumas vêzes, o estílo de dois compassos de Luceford. Se usamos clarinetes com destaque ao tocarmos baladas é porque sentimos ser êsse um som que o público deseja ouvir. Conseguimos, entretanto, combinar as secções da madeira com os modernos sons de metais a fim de criar o estílo de balada que hoje é identificado imediatamente com Ray Anthony.



Billy Ecktine

"Sinto que, permanecendo no meio-termo, tocando a boa música e arranjos bem estruturados, logramos alcançar a maioria dos gôstos musicais do público atual".

"As orquestras, como negócio, tiveram um grande passado (e atravessa um presente sem maiores dificuldades) e têm, em minha opinião, um brlhante futuro à frente. Estamos fazendo o máximo possível por levar avante, tal fascinante negócio. A nova geração, se nos podemos basear pelas nossas experiências, adquiridas em "tournées" continuas através do país, encontra-se, decididamente, consciente dessas bandas. Os jovens agrupam-se em redor do estrado em nossas audições do mesmo modo como o faziam no tempo em que as orquestras representavam uma atração sem par no público americano. Se todos os "band-leadres" de fato permanecerem na arena, lutando tôdas as noites pelo público, teremos sempre orquestras de grande vulto".

(Cont. na pág. 31)

a "pin-up girl" de presidente prudente...

LIANA Duval é o tipo exato da pequena que valoriza um anúncio de refrigerante, porque ao mesmo tempo chama a atenção para o cartaz e provoca o necessário calor e respectiva sêde... E, por falar em cartaz, Liana Duval parece que conquistou as graças do dito, como soube conquistar as simpatias dos fãs. Ainda não surgiram os filmes em que trabalhou e já recebe cartas alucinadas de fãs longinquos, pedindo-lhe fotos e fatos de sua vida.

Liana Duval, como mostram as fotografias, é a "pin up girl" de Presidente Prudente, cidade do fim da Sorocabana, que a viu nascer, — e que a conheceu ainda com o nome de Maria de Lourdes Vasconcelos Antunes. Hoje ela é o que aí está. "Pin up girl", isto é, essas meninas cujos retratos se pregam logo com um alfinête na parede e usadas nos anúncios para forçar a venda de um produto. Liana levanta a venda de qualquer maiô, seja êle tomara que caia, duas peças e principalmente Bikini. Quanto mais Liana, maior aceitação do maiô.

Liana é artista desde que nasceu, e mesmo um bocado antes. Sempre sonhou com a arte de Sófocles, Euripedes, ou, trocando em miúdos, de Procópio, Dulcina e Cacilda Becker — o Teatro.

Cursou durante três anos a Escola de Arte Dramática, estudando dança, canto, dicção, mimica e história do teatro. As platéias paulistanas aplaudiram-na em "Pinguinho de Gente" na Companhia de Ruggero Jacobi.

Atraída pela TV, atuou durante três meses.

Rescindiu contrato com o Vidéo para trabalhar em "Nadando em Dinheiro", filme da Vera Cruz, com Mazzaropi e direção de Abilio Pereira de Almeida. Verificou que o Cinema é o seu clima. Pretende permanecer dentro da Sétima Arte.

E, parece que o Cinema também gostou de Liana Duval porque várias propostas surgiram de várias produtoras. Cinema e Televisão disputam Liana Duval. Agora mesmo, foi convidada para estrelar o filme "A Felicidade Custa Pouco", da Oceania-Filme.

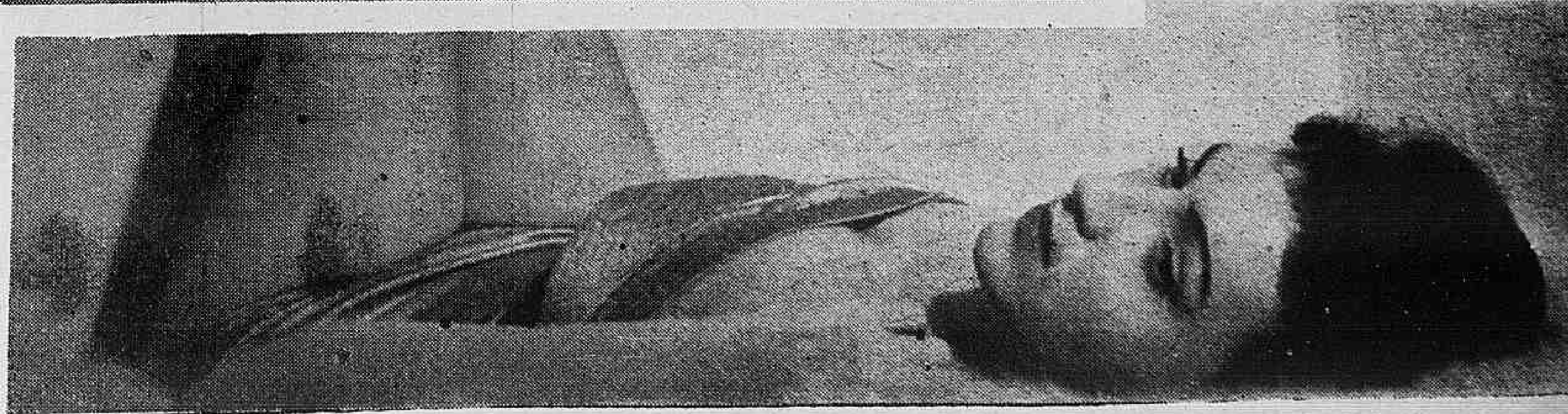
Mas o seu sonho, a sua grande aspiração atual é permanecer em definitivo na Vera Cruz, onde se sente bem.





Fã de Vivian Leigh, lê tudo sôbre cinema.





No céu do Cinema Brasileiro há mais uma estrêla...



William Fourneau, grande cantor e grande sucesso na Tupi paulista com a orquestra de George Henry. E' também um notável assobiador

semana do rádio

PROGRAMAS de auditório, entre nós, os há de vários aspectos. Há os dirigidos por locutores gritadores, que levam tudo na brincadeira, e há os que dirigem o programa de acôrdo com as circunstâncias, isto é, falando sério quando o momento o exige e fazendo humorismo quando cabe essa característica dos programas de auditório, aliás a mais interessante. O locutor tem a função de "animador" e, geralmente, controla o auditório a seu talante.

Mas o que faz pena é ouvir dos que vêm ao microfone, ávidos de obter prêmios fáceis de ganhar, palavras que demonstram a maior ignorância a respeito das coisas mais simples. Aí está uma das mais importantes missões do rádio. Não é só ganhar dinheiro e dar prêmios. A missão educativa é, sem dúvida, a mais nobre. Ensinar aos que nada sabem, esclarecendo-lhes o espírito ingênuo, com perguntas fáceis, mas facilitando-lhes a resposta, seria da maior utilidade. Em cada audição ficaria estabelecido que as perguntas do programa seguinte girariam em tôrno de determinado assunto, obrigando, assim, os candidatos a prêmios, a estudarem um pouquinho. Porque o que atrai o público é o prêmio. Já não seriam tantos a cair no ridículo. Da forma pela qual são conduzidos muitos programas de auditório, não lhes encontramos nenhum valor. Audição com entradas pagas, com muita animação e muito dinheiro distribuído, mas com um péssimo exemplo de cultura do nosso povo.

Há pouco, nesta mesma coluna de "Semana do Rádio", enviamos aos produtores, uma palavra de incentivo para que procurem assuntos novos, variando os temas que desenvolvem em seus "scripts", porque assim estarão educando o povo. Hoje fazemos o mesmo com os responsáveis pelos programas de auditório de perguntas e respostas. Dêem um sentido educativo aos seus programas. O auditório ficará cheio da mesma forma, porque o que atrai o espectador é o prêmio, e o rádio estará cumprindo uma de suas mais nobres missões.

MAX MINO

Brandão Filho, o ótimo cômico da Rádio Nacional, já regressou da sua vitoriosa excursão pelo Brasil, levando a admirável interpretação de tipos engraçados aos mais distantes rincões do interior. Os seus fãs, cariocas já estavam com saudades. Com êle estiveram em excursão Véra Lúcia, José Luís e Carlos Filho.

★

— Dóra Lopes continua fazendo sucesso na Rádio Nacional. Suas interpretações têm um cunho pessoal inconfundível e a legião de seus fãs aumenta dia a dia.

★

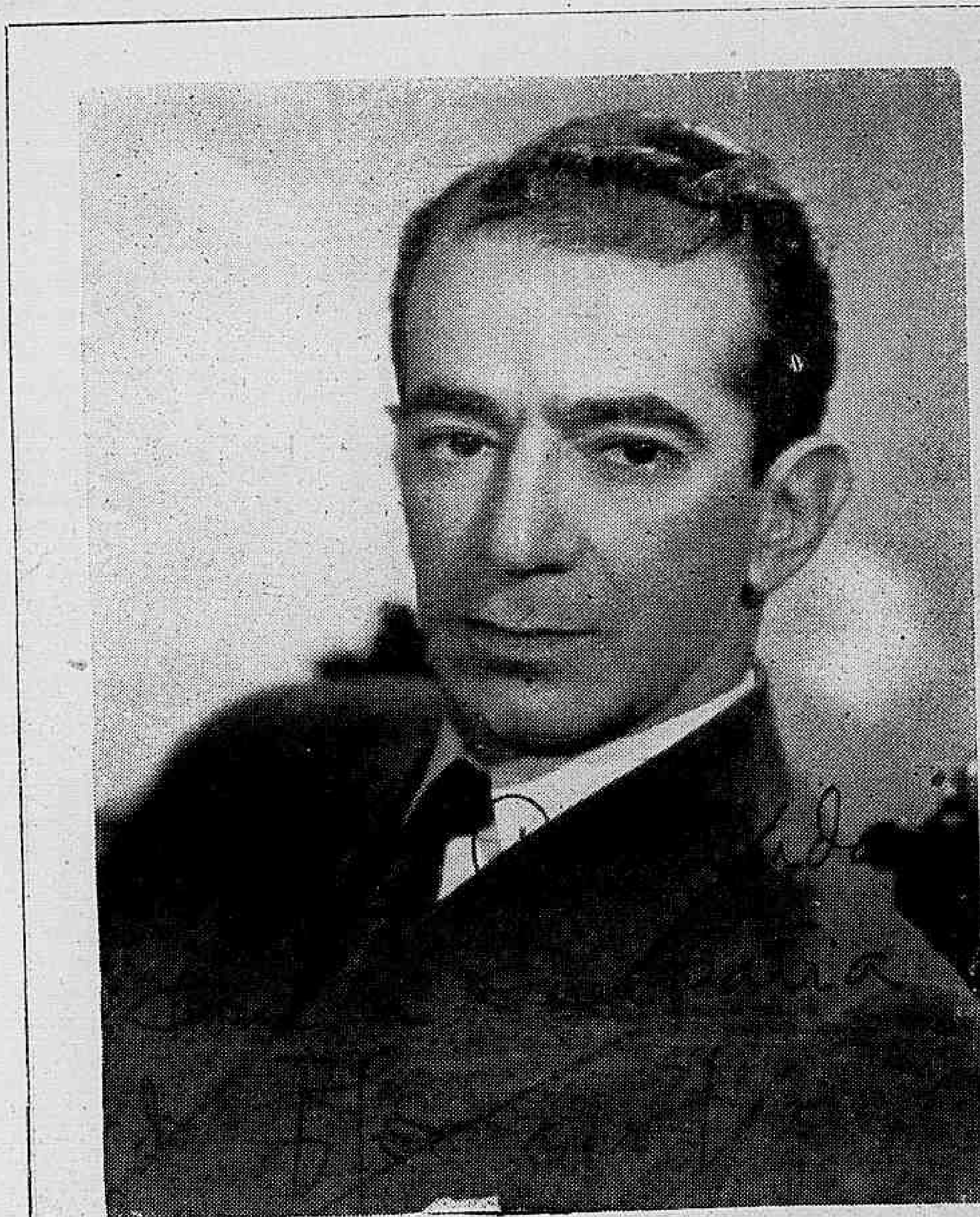
— Carlos Viana de Almeida, catedrático de violino da Escola de Música, é o regente da orquestra e diretor artístico da Rádio Jornal do Brasil. Breve o maestro Viana de Almeida vai ter margem para organizar grandes conjuntos orquestrais, pois os novos estúdios de PRF 4, serão os maiores do "broadcasting" nacional.

★

— Nora Ney é uma nova "estrêla" que surge nos céus do rádio brasileiro. E' de bons elementos, como Nora Ney, que o rádio precisa.

★

— Horacina Corrêa e os que a acompanham, já deixou o Egito, onde foi vítima das recentes manifestações políticas, perdendo tudo o que possuia. Atualmente está na Europa Central, como sempre animada e fazendo propaganda da nossa música popular.



Floriano Faissal, em teatro, já foi tudo. Ajudante de eletricista, ponto, contra regra, tudo que aparecia fazia com gôsto para não perder o contato com o campo aberto diante de si. Um dia substituiu um ator doente na Companhia de Leopoldo Fróes. Atores sempre ficam doentes, para dar uma oportunidade aos novos. Ficou artista de teatro porque o seu sucesso foi grande. Victor Costa que foi seu companheiro nos tempos de teatro, veio para a Nacional e não se esqueceu de Floriano. Novo sucesso marcante de Floriano no rádio-teatro. Mas Floriano é realmente um grande ator. Certa vez, num espetáculo de beneficência, tomou parte num sketch com Villaret e Irene Isidro do teatro português e roubou tôda a cena. Nasceu no Rio a 20 de fevereiro de 1907...

Começou com comparsa de teatro ganhando 2 mil réis por matinée. Foi auxiliar de conferente do Lloyd, mas quando quiseram rebaixar no seu pôsto anterior, estafeta, largou o emprêgo para ser professor de danças na "Escola Margot e Milton". Lá estava Custódio Mesquita ao piano. Floriano, professor de danças, não é possível. O futuro alí era nenhum e foi para S. Paulo onde foi cantor de tangos, vendedor de automóveis e agente de seguros. Voltando ao Rio, tornou-se jornalista. Voltou ao Teatro. Foi ensaiador de uma companhia excursionando em Poços de Caldas. O Presidente do Uruguay, Grabiel Terra chega à cidade e Floriano organizador do espetáculo em sua homenagem torna-se também maestro. Mas na hora do Hino do país amigo, saiu qualquer coisa tão diferente da máquina de escrever como é a máquina de costura...

E' diretor do rádio teatro e distrui multas aos que se atrazam. Mas as correntes são sempre a seu favor, porque êle não é nada disso e não interessa êste negócio de ser diretor. Agora com a Rádio Relógio êle já disse que acabaram as desculpas. Floriano é um formidável intèrprete, é uma grande palestra, um maior amigo, uma grande bola. Organizem mesas redondas sôbre qualquer assunto e deixem Floriano falar... seria o melhor programa da Nacional...



Os Quatro Azes e um Coringa

— E' uma bela iniciativa da Rádio Ministério da Educação, o seu programa de música para a juventude.

★

— O contrato de Rodolfo Mayer com a Rádio Nacional não o impede de atuar no teatro. Os admiradores de Maier à luz da ribalta não ficarão privados do prazer de ouví-lo e vê-lo.

★

— Viriato Corrêa foi uma bela aquisição da Rádio Nacional. Escritor, autor teatral e historiador, Viriato Corrêa, Membro da Academia Brasileira de Letras, representa um valor inestimável para os que amam as belas letras. A Rádio Nacional está de parábens.

(Continua na pág. 33)

Sônia Barreto, depois de um passado de glórias, merecendo mesmo o título de «Rainha da Canção», vem agora se dedicando quase exclusivamente ao Rádio-Teatro da Tupi, onde também é estrêla de primeira grandeza

NAS ONDAS... PERNAMBUCANAS

Correspondência especial para "A CENA"

Por ANTÔNIO PACHECO



Dea Soares

Os radialistas pernambucanos, há pouco tempo, esboçaram e levaram à frente um movimento visando a unificação da classe num só bloco, com o objetivo imediato da fuidação da Casa dos Radialistas de Pernambuco. A idéia ganhou corpo ràpidamente e, hoje, os radialistas da terceira cidade do Brasil já possui a sua agremiação de classe, com a diretoria legalmente eleita, trabalhando para obtenção dos meios necessários ao amparo da numerosa classe que faz o rádio no Recife.

Durante os movimentos preparatórios, por mais de uma vez veiu à baila o descaso da Associação Brasileira de Rádio para com o pessoal do Norte e Nordeste, muito principalmente para com a turma de Pernambuco, hoje com um rádio à altura dos mais adeantados do país.



Heronides Silva

HERONIDES SILVA um dos pontos alto na equipe dos grandes valores do Rádio "JORNAL DO COMERCIO". Produtor de "Rádio Bar", um cartaz alegre e dos mais ouvidos, em todo o Norte e Nordeste Brasileiro.

★

DÉA SOARES — Dentre os artistas do Rádio "JORNAL DO COMERCIO", revelados por Teófilo de Barros Filho, Déa Soares ocupa um destacado lugar, por sua compenetração artística, entregando-se totalmente aos números que interpreta, vivendo-os de modo geral.

★

TEÓFILO DE BARROS FILHO — Teófilo de Barros filho, atual diretor artístico do Rádio "JORNAL DO COMERCIO", acaba de pedir dimissão dêsse pôsto, transferindo-se para a chefia da TV de São Paulo.

a tela em revista...

Comentários de ERRE

"Cyrano de Bergerac" (Cyrano) — Produção da United Artists de 1950.

Filme cujo maior interêsse é mesmo a sua origem, o romance de Edmond Rostand, o qual narra as aventuras de um espadachim. Cyrano, famoso pelo tamanho do nariz, dá também o titulo para a edição brasileira desta produção Stanley Kramer-United e é protagonizada por José Ferrer, premiado com um dos "Oscars" de 1950.

A direção de Michael Gordon é incolor, não fazendo destacar o valor indiscutivel de uma Mala Powers, tampouco os de William Prince, Morris Carnovsky, Ralph Clanton, Lloyd Corrigan, Virginia Farmer e os demais.

O "décor" é bem caprichado. Serve para provocar, ainda uma vez, a velha controvérsia entre literatura e Cinema, entre livro e filme... Vendo-se a càmara caminhar pelas montagens dêste "Cyrano de Bergerac", esmiuçando-as em todos os planos — long shots e closes —, detalhando construções, móveis, roupagens, penteados, tudo enfim, não venham dizer que as simples palavras, por mais inteligentes e geniais que sejam, tenham maior poder descritivo que as lentes... Estamos face a um trabalho que serve, por exemplo, para provar que o Cinema é, nada mais nada menos, que um poderoso auxiliar da literatura, trazendo uma maior compreensão para os hábitos de uma época determinada, fazendo com que os leitores se tornem mais curiosos e capazes e nunca preguiçosos. Quantos e quantos dêles não vão agora reler o livro imortal de Rostand, sentindo-o de forma muito mais completa após as imagens?

E não gostamos muito da voz de José Ferrer. Sempre imaginamos um "Cyrano" de voz mais suave, agradável...

★

"Jamais Te Esquecerei" (I'll Never Forget You) — Filme da T.C.-Fox de 1951.

Muito pouca coisa pode ser dita dêste "I'll Never Forget You", filme em technicolor da Fox e estrelado por Tyrone Power e Ann Blith, atriz que aparece assim, numa única semana, em dois cinemas da Cinelândia.

Trata-se de uma história para mocinhas românticas, e, ainda que pareça incrivel, dobrou na casa lançadora. A direção de Roy Becker não apresenta nada de novo e põe Michael Rennie, Denis Price, Beatrice Campbell e Kathleen Byron em xeque muito perigoso.

Em todo caso, os fãs de Tyrone e Ann Blyth podem assistir sem mêdo...

★

"Rainha das Rainhas" (Reina de Reinas) — Filme de C. Tôrres de 1947.

Na linha do "Azteca", um dêsses filmes que ficam o ano inteiro enlatados à espera da Semana Santa. Depois das velhas produções da Pathé, coloridas a mão; depois do Rei dos Reis", de De Mille, e do "Golgotha", de Duvivier, chega-nos, enfim, um religioso "hablado"...

Nos principais papéis, Luana de Alcaniz e Luiz Alcoriza. A direção é de Miguel Contreras Tôrres, cuja maior virtude e não haver incluido Ninon Sevilla ou a Maria Antonietta Pons...

"Um filme mexicano diferente"... Não tem rumbas mas sòmente músicas sacras... Como argumento, resultaria em coisa melhor "O Drama do Calvário", de Américo Garrido. E por falar nisso, quando é que o pessoal do Cinema Brasileiro se abalança a fazer um filme para a Semana Santa?

★

"O Segrêdo de Saint-Yves" (The Secret of the St. Yves) — Filme de 1950.

Trabalho da Columbia, baseado numa novela de Robert Louis Stevenson, o mesmo escritor de "O Médico e o Monstro". Philip Rossen, diretor responsável por algumas sequências vigorosas de uns poucos filmes, ao que parece não se sentiu bem à vontade desta vez.

A grande revelação de "A Rosa da Esperança", Richard Ney, arca com as responsabilidades de principal papel masculino, mas nunca poderemos nos esquecer daquela sua atuação ao lado de Greer Garson. Também se destacam Vanessa Brown e Henry Daniel neste "The Secret of Saint-Yves", uma fitinha despretensiosa, feita como que sob medida para o cinema Rex nessas quadras do ano em que o carioca aproveita alguns dias sem trabalho para sair da cidade...

★

"De Pecadora a Santa" (Margherita de Cortona) — Filme da Scalera de 1949.

De uma vez só, tôdas as caracteristicas pletóricas do Cinema italiano antigo neste "Margherita da Cortona", destacando-se o interêsse pelo tamanho das montagens. Uma tradição sem dúvida, uma influência ainda de "Cabiria"... Não apresentam, nem de longe, a mesma magnificência das do filme que impressionou ao próprio Griffith, mas é clarissimo, os realizadores pensaram em jogar muito com o que pudessem construir dentro do estúdio...

Típica produção da Scalera... uma emprêsa que tem-se lembrado dêste Mário Bonnard e esquecido os de Santis, os Lattuada, os Luschino Visconti e tantos mais.

Coitadas da Maria Frau, da Isa Pola e mais do Mário Pisu. A segunda bem que merecia uma sorte melhor...

★

"Sinfonia de Paris" (An American in Paris) — Filme da M.G.M. de 1951.

Precedido pela fama de haver arrebatado 7 "Oscars" da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, o que era tido como impossivel para um musical, a Metro não teve dúvidas, numa semana desfavorável, em jogar nas telas o "An American in Paris", inspirado pela imorredoura "suite" de George Gershwin, ainda hoje um dos idolos do povo americano. E' curioso assinalar que o compositor viveu os seus últimos dias e morreu em Hollywood, de quem agora recebe esta verdadeira e sentida homenagem. Estejamos certos de que a simples presença do nome de Gershwin arrastou nos EE.UU. multidões aos cinemas, tal a popularidade ainda das suas melodias.

Houve uma certa confusão dos fãs, motivada pelo próximo "Sinfonia de uma Cidade", também sôbre a capital francesa e dirigido por Julien Duvivier. A nacionalidade dêste realizador, bem como a cidade onde se desenrolam os dois filmes, deu azo a que muitos se espantassem ao ver o nome de Vicente Minelli ao invés do gaulês. Lembre-se, aliás, que Duvivier, apesar da sua posição como homem de "avant-garde", não é infenso aos musicais, havendo mesmo sido o responsável por "A Grande Valsa", um dos mais belos. Contudo, Vicente Minelli, despretenciosamente, soube impregnar o filme com a boêmia atmosfera de Paris, e isso à partir do instante

(*Cont. na pág.* 33)



Barry Sullivan, raptado pelas cinco irmãs De Marco durante a filmagem de «Skirts Ahoy» da Metro Goldwyn. Ann, Joan, Arline, Terry e Glória



Mari Aldon, em «The Tanks Are Coming», da Warner



Ainda Mari Aldon, Gary Cooper e a «script girl» durante a filmagem de «Distant Drums», da Warner

MATERIAL GRÁFICO

VENDE-SE

MÁQUINA IMPRESSORA

marca WALTER SCOTT, formato 4-B, com motor General Eletric de 5-HP, dupla rotação, alimentador manual e equipada com 1 chave de fenda, 1 macête, 2 escôvas, 1 chave de cunhos, 16 cunhos, 3 ramas, 3 chaves de caixa, 6 chaves de pino, 1 lingueta do batente e 11 quilos de guarnições de ferro.

GUILHOTINA

marca MARRIL & SONS, com 1,49 mts., de bôca, 2,38 metros de mesa, fita métrica de precisão, instalação elétrica com caixa blindada, mecanismo de proteção para o operador e motor MEECH de 3-HP.

CORTADOR

Um cortador de entrelinhas com chanfrador combinado.

Propostas e informações com o sr. WENCESLAU — CIA. EDITÔRA AMERICANA — Tel.: 22-8647 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

JAZZ EM CENA

(Cont. da pág. 26)

Como os leitores sabem Ray Anthony, é um dos seguidores do estílo Glenn Miller, e vem adquirindo grande popularidade por êste motivo.



"TALVEZ VOCÊS NÃO SAIBAM"

Que Sarah Vaugham antes de ser descoberta como cantora em um concurso no Harlem foi pianista e organista.

Que na linguagem do jazz, "Fine Dinner" quer dizer uma pequena bonita e "Gabriels" pistonistas.

Que Charles Parker, o famoso sax-alto começou sua carreira profissional com 16 anos apenas.

Que Buddy De Franco, um dos melhores clarinetistas da atualidade é filho do mais famoso afinador de pianos de New Jersey.

Que Billy Eckstine é um dos melhores golfistas amador do país.

Que Bill Harris já foi chofer de caminhão.

ACONSELHAMOS PARA O SEU "PICK-UP"

Billy Eckstine: Be my love e I Apologize (M.G.M. Brasil).

George Shearing: September in the Rain e I'll remember April (M.G.M. Brasil).

Ziggy Elman: Body and Soul e Tea for Two (M.G.M. Brasil).

Buddy de Franco: Dancing in the Ceiling e You Came Along (M.G.M. Brasil).

Ray Anthony: My Prayer e Eleanor (Capitol-Brasil).

WILLIAM HOLDEN

(Cont. da pág. 21)

de 1943, Bill conseguiu uma licença na sua base no Texas e voou para casa. O nome escolhido para o garôto foi Peter Westfield Holden, nome aliás de seu irmão, voando em missões perigosas sôbre a Europa. A alegre carta de Bob, felicitando a chegada de seu sobrinho, foi a última notícia que Bill teve dêle. Algumas semanas mais tarde, a familia foi notificada que o jovem tinha falecido em combate.

Durante os seus nove meses finais de serviço de guerra, Bill foi transferido para a Base em Culver City, e assim pôde ficar morando com os seus. Todos os que o conheceram durante essa época sabem que êle nunca procurou fugir aos seus deveres, ou empurrou pistolão para dar baixa. Bill sabia que muitos de seus colegas estavam fazendo tudo para voltar à vida civil e usando para isto de pretextos falsos. Êle preferiu ficar até ao fim, mesmo com a situação financeira crítica. Pela primeira vez na vida fôra obrigado a fazer dividas.

Quando voltou finalmente ao cinema, tudo para êle foi mais difícil, pois já não mais existia a crise de galãs e a concorrência era muito séria. Bill esperou onze meses que a Paramount achasse um bom papel e um bom filme para reapresentá-lo ao público. Entretanto, êsses meses de inatividade foram um bom descanso para êle, dando-lhe a chance de travar novo conhecimento com a própria familia, aumentada em 1946 com o nascimento de um segundo garôto, Scott Porter. Logo depois de seus primeiros filmes de volta, porém, ficou evidente que Bill Holden era outra pessoa, que havia mais fôrça no seu trabalho, mais poder no seu temperamento. O novo Bill olden, o explosivo Bill olden firmou-se definitivamente em "Crepúsculo dos Deuses", com Gloria Swanson. Filmes como "Union Station", "Subarine Command" e "Force of Arms" confirmaram. E em "Nascida Ontem" foi definitivo. E Bill não está usando o seu poder explosivo sòmente em frente à câmara. Quando a Columbia, depois de filmes inteligentes como "Crepúsculo dos Deuses" e "Nascida Ontem" quis colocá-lo numa fitinha idiota e vazia, êle respondeu:

— Não, muito obrigado!

O estúdio ficou de bôca aberta! Bill olden nunca se rebelou, nem pode se rebelar! Êle é um rapaz bonzinho! Mas com o tempo, com Bill Holden aceitando calma e firmemente a sua suspensão — para não fazer o tal filme — os produtores de Hollywood aprenderam o que a familia Beedle descobriu quando Bill era garotinho: não se iludir com a sua aparência agradável e jovial, porque êle é alta voltagem no interior — é Mr. Dinamite.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Palavras Cruzadas

Resultado do número anterior

HORIZONTAIS:

1 — AVA	26 — AMA
3 — MARY	28 — LAI
6 — TRACY	29 — RASSA
8 — REED	32 — AI
10 — ROC	33 — SABU
11 — IOS	34 — NICE
13 — ASIR	36 — RITA
15 — ALOÁ	38 — AAR
17 — RIEL	40 — SER
19 — BAKST	41 — NANA
21 — ANA	42 — REZAM
22 — BEM	43 — LADD
23 — NITA	44 — SOR.
25 — GÊLO	

VERTICAIS:

1 — ARCO	21 — ATA
2 — ACI	22 — BEI
4 — REAL	24 — IMAN
5 — YES	25 — GABIN
6 — TÔLO	27 — PIER
7 — YORK	28 — LAR
9 — DIANA	30 — ABÁ
10 — RAIO	31 — SUAR
12 — SIS	32 — ACEM
14 — ROA	33 — SANA
16 — ABEL	35 — ISAR
18 — ETNAS	37 — TAL
20 — AMORA	39 — RES

NAS ONDAS PERNAMBUCANAS

(Cont. da pág. 29)

ANIVERSÁRIO DO RÁDIO TAMANDARÉ — No dia 30 de março último, o Rádio TAMANDARÉ, pertencente a cadeia das Associadas, apresentou uma magnífica programação com que assinalou a passagem do seu primeiro aniversário. LUIS GONZAGA — "O Rei do Baião" — apresentou-se como convidado de honra.



LUIS MARANHÃO FILHO — Luís Maranhão Filho, produtor de vários programas do Rádio TAMANDARÉ, lançou ùltimamente "RUAS DO MUNDO", um cartaz semanal, que vai ao ar tôdas as Sextas-feira, às 21 e 30 horas.



O Rádio CLUBE DE PERNAMBUCO, está melhorando de programação, depois que passou para a cadeia das Associadas.

CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO
Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomara linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL
que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT
Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio tornando-a lisa, macia, aveludada das, manchas, panos e cravos,
Rua Direita, 191 — 6º andar
LEITE DE ARROZ. O seu us
(Exigir a marca BISCUIT)
constante remove as particulas
e eliminando o cheiro desagrada
mortas e queimadas da pele, sai-
M U L T I F A R M A
vel do suor.
Remessas pelo Reembôlso
SÃO PAULO

DIRETAMENTE DE HOLLYWOOD

(Cont. pa pág. 17)

Isto é, o **castigo** não é físico e a razão que impele a mulher da história ao adultério é justificada. Disse também que só aceita papéis em que o protagonista seja um ente humano, e não um manequim de vitrina. Anthony Dexter, o intérprete de Rodolfo Valentino, no filme da Columbia, contou que, antes, fôra professor de cultura física em várias universidades norte-americanas, tendo depois começado a ensinar também em escolas dramáticas. Tempos depois, entrou para o teatro e começou a trabalhar com Katherine Cornell, grande artista dos palcos de Nova York. Foi Katherine quem falou da sua extrema semelhança com o falecido Valentino. Quando a companhia de Cornell veio a Los Angeles, em tournée, Edward Small, produtor, fêz um teste de Tony Dexter e êle acabou ganhando o famoso papel. Realmente, a semelhança é extraordinária. Dexter disse também que foi obrigado a aprender a dançar, pois, em menino, em casa não lhe permitiam isso. O pai de Dexter é pastor protestante. Anthony Dexter já fêz outro filme para a Columbia, "The Brigant", em Technicolor. E' um rapaz bastante simpático e, provavelmente, fará carreira.

Z E Z É . . .

(Cont. da pág. 22)

ir assinar um contrato com a Sinter. Ficou assentado que eu viria a formar um conjunto vocal. Juntamente com Altêmia Rocha, uma das pastôras de Ataulfo Alves, e Odaléa Sodré, formamos "As Moreninhas". Gravamos "Tudo Azul", um chôro, e "Dona Valsa", chorinho."

Como os leitores sabem, embora Zezé fôsse possuidora de uma voz agradabilíssima e um estilo cativante, seu nome, embora bem popular, não tinha ainda atingido a divulgação merecida, até que, gravando "Canção de Dalila", fantasia de Victor Young com palavras em português de Climaco César, num arranjo belíssimo do Maestro Lyrio Panicali, alcançou um sucesso sem precedentes, tendo encabeçado a lista dos mais vendidos nas casas do ramo durante muito tempo e também figurado como campeão da semana em diversas paradas de sucessos em todo o Brasil por vários meses. Com esta gravação o nome de Zezé Gonzaga estava definitivamente consagrado.

— "Zezé, qual a sua próxima gravação?

— "Faz de Conta", cujo título original é "Make Believe", música que alcançou grande sucesso quando da exibição do filme "Barco das ilusões" em nossas telas, de cujo "score" musical pertence esta música. Climaco César, o mesmo que adaptou "Canção de Dalila", fêz uma bela letra em português para êste fox que gravei."

— Temos a certeza, Zezé, que, como as anteriores, esta também será um grande sucesso e dentro de pouco tempo tomará conta da cidade.

Foi com pesar que nos despedimos de Zezé, completamente cativados pela sua simpatia. Quando caminhávamos pela Cinelândia alguém passou assobiando "Faz de Conta".

COMO APRENDER A DANÇAR



1ª EDIÇÃO AMPLIADA
Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero Rumba, Swing, contendo 120 gráficos. 850 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares. rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — **Caixa Postal. 649** — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de de Música de São Paulo.

A G A I O L A . . .

(Cont. da pág. 19)

mais, fá-lo crer que êle e Judith continuavam a encontrar-se secretamente.

Judith, que nada havia dito à seu espôso sôbre a visita de Bill, pega uma pistola e sai disposta a defender sua felicidade a todo o custo. Bill, furioso ao ver que Judith não tem dinheiro, telefona para Alan e o convida a verificar com seus próprios olhos a presença de sua mulher. O médico vai ao endereço dado por Bill e no caminho encontra com Judith, que tenta detê-lo, mas êle, que está decidido a tudo, a afasta e segue até a casa. A porta está fechada e Alan, para entrar, quebra um dos vidros.

Atraído pelo vidro quebrado, o policial do bairro sobe as escadas que conduzem ao quarto de Bill e, ao abrir a porta, depara com Alan que, com um pano, tenta apagar as impressões digitais da pistola. Um pouco além, jaz o cadáver de Bill. Quem o assassinou? Fôra realmente Alan... ou talvez Judith? Talvez se trate de um suicídio. Só a polícia o sabe.

AO PÚBLICO

O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

V I D É O

(Cont. da pág. 14)

Grandes preparativos na Rádio Mayrink Veiga. Dizem que antes do fim do ano a sua TV estará funcionando. Deus queira!

★

Pêsames à TV e à Rádio Tupi por ter perdido um elemento como a Dircinha Batista, que já assinou contrato com a Rádio Nacional, cantando também na Rádio Clube do Brasil.

★

Onde foi que a TV Tupi descobriu aquêle horrível filme francês "Duas cruzes no deserto"?

★

As boas coisas sempre duram pouco. Brício de Abreu estava tão bem nas transmissões do Teatro Municipal! Tinha que acabar logo. Vocês viram o Paulo Raimundo descrevendo "Os contos de Hoffman"?

★

Heloísa Helena despediu-se da TV, por um curto período. Foi à Europa gozar as suas merecidas férias. Seu último programa foi a "História do Teatro Brasileiro", vivendo a Madalena do "Mártir do Calvário". Boa viagem, Heloísa, e até breve!

SEMANA DO RÁDIO

(Cont. da pág. 29)

— Espera-se para breve a Televisão na Rádio Roquete Pinto. Também alí se aguarda a transmissão de rádio por ondas curtas. O seu diretor, professor Fernando Tude de Souza, está trabalhando ativamente.

★

— Um dos grandes valores do nosso meio radiofônico é Elizete Cardoso, intèrprete de recentes sucessos, entre os quais podemos destacar "Dá-me tuas mãos", "Canção de Amor", "Braços Vasíos" e "Falsos Beijos".

★

— Carlos Frias, que solicitou licença, por tempo indeterminado, da Rádio Tupi, disse que desejava trabalhar na Tamôio.

★

— Almirante, embora tenha deixado a direção da Tupi, continua mantendo seus programas de sucesso.

★

— Dick Farney, cantor da Mayrink Veiga, estará de volta de suà viagem ao Uruguai e à Argentina, em junho próximo.

★

— Não temos dúvida em afirmar que Heleninha Costa e o Conjunto "Os Cariocas" colherão os melhores apláusos em sua excursão aos países do sul do Continente.

★

— Júlio Lousada e Antônio Leite são os responsáveis pelo crescente sucesso do programa da Tamôio, "Pausa para meditação".

★

— Pedro Block proclamado o melhor autor teatral de 1951, já foi cronista rádiofônico, através das colunas da revista "Fon-Fon".

★

— O atual transmissor da Rádio Eldorado tem apenas 10 kws., mas para muito breve ouviremos um novo, de 50 kws., que a Senhora Ana Khoury vai adquirir nos Estados Unidos.

★

— Continua fazendo sucesso o programa "Música Melodiosa" que a Rádio Jornal do Brasil transmite depois das 22 horas.

★

—E por falarmos na PRF 4, que está em obras, preparando-se para a sua nova fase, quando estreará o novo transmisôr de 50 kws., o seu Diretor, Fausto Serpa, concedeu interessante entrevista a êste noticiário, que em breve publicaremos.

A PRINCESA AURORA

(Cont. da pág. 13)

"Florestan e suas irmãs", tão curto mas tão difícil de sair perfeito, pareceu mais "posado" do que dançado por Aldo Lotufo — embora um trio muito agradável para os olhos com o complemento de Helga Loreida e Julia Rodrigues. "Os 3 Ivans" (Denis Grey, Edmundo Carijó e Lauro Silva) são sempre dançados com entusiasmo e sucesso certo. E' uma dança característica e pedindo menos perfeição acadêmica, pois o número não existia no original de Pepita e foi adicionado por Nijinska, em 1921. Esta versão não inclui o Gato de Botas, mas na noite da estréia um gato prêto fêz um "improviso" no palco, durante a dança chineza, roubando a atenção de Sima Chadrina, Slava Goulenko e Jonas Santos. Que falta faz Vicente de Paula no mandarim!

A "polonaise" não tem a pomba, nem a mazurka final forma o "climax" que caracterisavam a versão de De Basil. Mas com 5 ensáios sòmente não é possível obter um bom trabalho de conjunto e foi isto o que o "corpo de baile", teve, desde que Aurora foi incluida no programa: 5 ensaios. Já a orquestra, sincronizando mais com os dançarinos, merece elogios.

Em relação ao que significa na história do ballet, a nossa "Aurora" ainda está ligeiramente adormecida, é sòmente um pálido reflexo do original. Mas esta observação quer dizer apenas que Aurora deve ser dançada com mais freqüência e entusiasmo. Já temos o bailado em nosso repertório, o que é uma grande coisa, o caso agora é conservá-lo. Seja na versão completa ou reduzida, êste ballet foi sempre — desde sua criação no século passado — grande estímulo e experiência para gerações de dançarinos, educação para gerações de público. E no dia em que conseguirmos dançar "Aurora" com perfeição ou montar "A Bela Adormecida" por completo, teremos um ballet realmente dígno dêste modelo clássico de Pepita.

A TELA EM REVISTA

(Cont. da pág. 30)

em que vemos os grupos de pintores com as suas exposições ao ar livre. Merece destaque o feliz achado sôbre Churchill, como se sabe, amante da pintura, sugerido de relance na sequência citada.

Gene Kelly, Georges Guetary, Oscar Levant, todos bem, sóbrios e equilibrados. Leslie Caron, na sua apresentação, vale o filme. Gene Kelly, em bailados mais técnicos na cena do quarto de Levant e com os garotos. Mas o bailado final também agrada onde as côres branco e prêto colaboram na emoção da cena.

As honras do filme, por justiça, pertencem a John Alton o "camera-man" do grande bailado, todo êle com base em motivos de Renoir, Picasso e outros pintores. Alcançando uma virtuosidade ainda não vista em technicolor, John Alton vem de se colocar entre os mais destacados ases da iluminação. Certas nuances, determinados efeitos de mutação de luz até então conseguidos apenas no prêto e branco aparecem pela primeira vez em um filme rodado pelo processo Kalmus, valorizando-o mais, dando-lhe possibilidades mais amplas.

Assistam "Sinfonia de Paris". E... perdoem-nos os apreciadores do "ballet", reparem bem o trabalho de John Alton.

"A Princesa e os Bárbaros" (The Golden Hord).

Ann Blith, depois de Tyrone, é abraçada e beijada por David Farrar em "The Golden Horde of Genghis Khan". E, por isso, os cinemas da linha do São Luis e o Odeon foram os preferidos pelo elemento feminino durante a última programação. E' indiscutivel o prestigio de que ainda goza o ex-marido de Annabella, quer entre os brotinhos quer entre as balzaqueanas.

A direção de George Sherman — ora! já se sabe... — é uma direção de George Sherman...

Além do casal principal, defendendo-se da melhor maneira possivel, aparecem George Mac Ready, Peggy Castle, Richard Egan, Henry Brandon e Howard Petrie.

Para a semana próxima, — que venha depressa! — as coisas vão melhorar na Cinelândia.

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE *"AMARALINA"* É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309



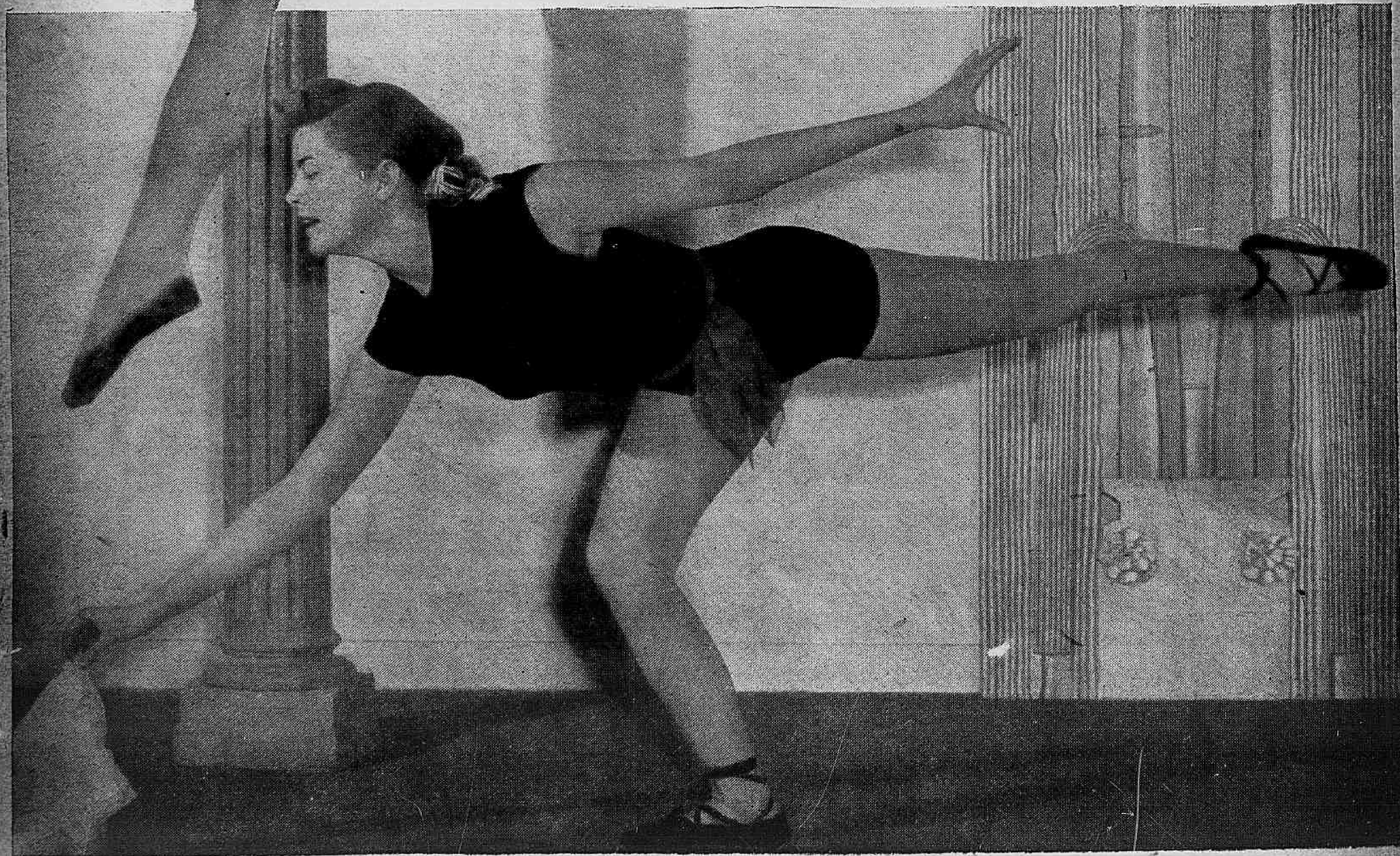
DEBRA PAGET



pernas de hollywood...

Uma feliz, mas atrasada Páscoa. Esta é Mitzi Green que vê a sua popularidade crescer, cada vez mais. Sabiam que um filme de Carmen Miranda influiu na sua carreira artística? Ela vem aí em "The I Dont Care Girl", tendo ao seu lado David Wayne e Oscar Levant.

Em baixo: Ailen Stanley acredita em que um exerciciozinho assim, diário, faz muito bem...





SUZAN HAYWARD, *"estrêla" da T. C.-Fox*

SEJA QUAL FÔR

O SEU ESPORTE

FAVORITO.

AUTOMOBILISMO

TENIS DE MESA

PUGILISMO

TENIS ★ ★ ★

ESGRIMA

HIPISMO

WATER-POLO

REMO ★ ★ ★

CICLISMO

VOLEYBALL

TIRO AO ALVO

POLO ★ ★ ★

ATLETISMO

IATISMO

BASKETBALL

SALTOS ★ ★ ★

NATAÇÃO

OS CAMPEÕES

ESTATISTICAS

FOTOGRAFIAS

TUDO

ENFIM!

NO

ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado

BREVEMENTE

EM TODAS AS

BANCAS